

FACON / CASA TOMBADA

**Pós-graduação em Narração Artística: Caminhos para narrar
histórias em contexto urbano.**

ANDRÉ LUIZ DE ARRUDA LIMA

Juqueri, pr'além do mito da loucura

**SÃO PAULO
2022**

André Luiz de Arruda Lima

Juqueri, pr'além do mito da loucura

Trabalho de Conclusão de Curso de pós-graduação em
Narração Artística: Caminhos para narrar histórias em contexto urbano.

Orientadores: Prof^a. Ma. Leticia Liesenfeld e Prof. Dr. Giuliano Tierno.

SÃO PAULO

2022

Agradecimentos:

às professoras e os professores que por nossas telas passaram para,
generosamente, compartilhar conosco seu conhecimento
em especial à Letícia Liesenfeld e ao Giuliano Tierno

à minha “anja-poeta” Stella Welker, bem como a todas companheiras e aos meus
companheiros de turma, com quem tive a honra de seguir nessa caminhada
e de quem também obtive tantos aprendizados

à minha companheira e querida parceira Lilian Soarez
que me apresentou A Casa Tombada
e tanto me incentivou a aqui estar

Aos senhores Altino Anzelotti, Benedito Nivaldo Coutinho de Abreu
e às senhoras Leonice Aparecida Marques Savazoni,
Maria de Lourdes Santos de Oliveira e Valdelice Monteiro de Oliveira,
por aceitarem ter comigo esses encontros e essas conversas

a Andréia de Jesus e Regiane Mendes
pessoas queridas que, mesmo à distância, me inspiram

Tempo que diz

De tempo somos.

Somos seus pés e suas bocas.

Os pés do tempo caminham em nossos pés.

Cedo ou tarde, já sabemos, os ventos do tempo apagarão as pegadas.

Travessia do nada, passos de ninguém?

As bocas do tempo contam a viagem.

(Eduardo Galeano, no livro *Bocas do Tempo*)

Índice

Introdução.....	05
I - Historiografia.....	07
II - Confabulações.....	15
II.I- Das apresentações.....	17
II.II - Das lembranças mais remotas da cidade.....	19
II.III - Das peculiaridades de Franco da Rocha.....	32
II.IV - Das histórias da cidade onde o Juqueri não está presente.....	38
II.V - Do futuro da cidade sem o Juqueri.....	46
III - Narrativas Artísticas.....	50
III.I - Crônica narrativa.....	51
III.II - Depois da guerra.....	52
III.III - O Cabo Altino.....	53
III.IV - Cordel.....	54
III.V - O carteiro Abraão.....	55
III.VI - Sobre um acontecido em uma só das muitas dessas nossas enchentes.....	57
III.VII - O trem da uma e meia.....	63
Concluimento.....	67
Referências.....	68

Introdução

O Tempo, esse grande colecionador de memórias. As memórias que todos temos, uns menos, outros mais, de acordo com as experiências vividas. As memórias que muitas vezes gostamos de compartilhar, numa tentativa de reviver momentos felizes e/ou divertidos. E aquelas memórias outras, que gostaríamos que não existissem, mas que, por fazerem parte da vida, vamos cultivando-as em respeito aos ensinamentos que nos proporcionaram.

Fui nascido e criado em Franco da Rocha. Aos dezessete anos, por questões de cunho existencial (e também por não me considerar suficientemente maluco para estar por ali), resolvi partir em busca de respostas.

E, durante dez anos, pude encontrar e conviver com lugares e pessoas dos quais obtive inúmeros ensinamentos e respostas. Mas nenhuma resposta me foi tão decisiva quanto aquela que me mostrou um sentido, uma alegria e coragem para tocar a Vida: a Arte.

Eu posso dizer que a Arte me trouxe de volta à Franco da Rocha. E já se vão quase trinta anos. E de volta à minha terra, pude encontrar e conhecer diversas pessoas que, como eu, receberam da vida a mesma resposta para suas inquietações.

E, desde então, juntos vamos fazendo Arte. Aprendendo e ensinando, mas principalmente nos alimentando uns aos outros. E foi nessa espécie de antropofagia, que descobri que nada me faz sentir mais realizado do que cantar e contar coisas do meu chão, em verso e prosa, em música, em palcos, praças e muros da cidade e do mundo. Pois, como ensinou Tolstoi: "- Se queres ser universal, começa por pintar tua aldeia". E segue sendo essa a minha - nossa - busca.

E qual não foi a minha surpresa quando, ao ingressar na Casa Tombada, pude me encontrar com tanta gente - Coordenadores, professores e companheiros de turma - que, cada qual com seu jeito e com sua busca e, à semelhança dos

meus camaradas de longa jornada, me colocasse em perene estado de poesia, que é o motor que me impulsiona e me anima a querer continuar buscando e descobrindo formas de viver.

Pensando, então, em unir o exigido ao que me é agradável, me propus a fazer deste trabalho de conclusão um encontro com um querer mais longo, que é o de buscar, por meio de encontros, conversas e descobertas com pessoas mais vividas, que tenham nascido ou vindo para Franco da Rocha numa época em que a cidade estava ainda em formação para, a partir de suas memórias, descortinar histórias e outras narrativas que ajudem compreender melhor; a mim, aos meus e a quem mais se interessar; este lugar do qual fazemos parte, pois, como escreveu Walter Benjamin *“Contar história sempre foi a arte de contá-las de novo, e ela se perde quando as histórias não são mais conservadas.”*¹

¹ Walter Benjamin, O Narrador, Obras Escolhidas Magia e Técnica Arte e Política, 3 Ed., Editora Brasiliense

I - Historiografia

É que antes aqui, era tudo Juqueri

Proveniente do tupi yu-ker-i-y, "o rio do espinheiro que dorme, propenso a dormir", em alusão às folhas do juqueri, planta do gênero Mimosa, que quando tocadas, se deitam; bastante comum na região e que margeavam o rio, batizado com o mesmo nome pelos povos Guarús - povos originários habitantes daquela região -, que nascia e cortava o antigo povoamento de origem europeia nas cercanias da vila de São Paulo do Piratininga em fins do século XVI e ligava o planalto ao inexplorado sertão.

Tendo como primeiro nome Nossa Senhora do Desterro de Juqueri, o povoamento é elevado à categoria de vila em 1696, sendo administrativamente um distrito do município de São Paulo até 1880, quando passa a fazer parte da Província de Nossa Senhora da Conceição de Guarulhos, Juqueri torna-se município por meio da Lei Provincial 67, de 27 de março de 1889.

Um ano antes, a São Paulo Railway, primeira estrada de ferro paulista, que liga Santos a Jundiaí, construía a Estação Juquery (mesmo nome do rio e da Sede daquela freguesia).

“A estação Juquery foi aberta em 1888 para atender à localidade desse nome. Segundo se conta, ali já existia, antes da construção da estação, uma parada, de nome Parada Feijão”²

Idealizada por Irineu Evangelista de Sousa – Barão de Mauá, a estrada de ferro que, entre 1862 e 1867 fora construída para transportar a produção de café do noroeste paulista ao porto de Santos vai, com o correr dos anos, construindo outras estações mais para servirem de entrepostos para o armazenamento daquela e de outras mercadorias e até para o fluxo de passageiros.

“Foi a única ligação ferroviária das cidades paulistas com o litoral até a construção do ramal Mairinque–Santos da Estrada de Ferro Sorocabana, já na década de 1930”.³

² Franco da Rocha -- Estações Ferroviárias do Estado de São Paulo (estacoesferroviarias.com.br)

³ São Paulo Railway (museusferroviarios.net.br)

Com a chegada da ferrovia aquele povoado, distante quase 25 quilômetros de sua Sede Distrital, passa a ganhar maior notoriedade e possibilita as instalações, naquela até então quase inóspita região, de dois equipamentos de grande porte, um privado e outro público: a fábrica de papel Companhia Melhoramentos e o Complexo Hospitalar do Juqueri.

Inaugurado pelo Governo do Estado no ano de 1898 como Asilo Colônia da Sucursal do Juquery do Hospício de Alienados de São Paulo, para o tratamento de doentes mentais, fora idealizado e é dirigido em seus primórdios pelo médico psiquiatra Francisco Franco da Rocha. Projetado pelo arquiteto Francisco de Paula Ramos de Azevedo, o hospital-colônia, que necessitava de uma área ampla, com muita água, perto da Capital e de fácil acesso por trem, começou a ser construído no ano de 1894, num terreno de 600 mil metros quadrados, próximo ao rio Juquery, no então Distrito de mesmo nome.

Inaugurado com capacidade para o atendimento de 800 pacientes, com o passar do tempo vai sendo ampliado e torna-se o maior hospital psiquiátrico da América Latina; e num determinado momento de sua história, chega a abrigar o absurdo de 16 mil internos.

A conjunção desses dois acontecimentos, a Estrada de Ferro Santos-Jundiaí e o Asilo Colônia Juqueri, fortalecem a ocupação do território, fazendo surgir as primeiras residências e um modesto comércio nos entornos da estação.

“Uma nova população passou a fazer parte da paisagem: a de ferroviários, para manutenção da estrada de ferro, e a de funcionários públicos, em maior número, para garantia de funcionamento do hospital. O trem era o principal meio de acesso à região, tanto para médicos e visitantes, quanto para pacientes e seus familiares”
(PARADA e NUNES, 2016, p. 18)

Devido às diversas ampliações e necessárias modificações acontecidas, o Hospital Juqueri vai, ao longo do século XX, transformando-se em um vasto complexo hospitalar, e também em razão de tudo o que requer para seu funcionamento, ocorre um crescimento populacional significativo na região; com a chegada e instalação de famílias de funcionários e de pacientes para o Juqueri e o também conseqüente crescimento do comércio local.

No ano de 1934, após menos de um ano da morte do idealizador do Juqueri, em sua homenagem é criado, em 21 de setembro, o Distrito de Franco da Rocha, no Município de Juqueri. Desmembrando-se, dez anos depois, em 30 de novembro de 1944, Franco da Rocha é elevado à categoria de município, incorporando os Distritos de Caieiras e Vila Belém (futura Francisco Morato), que anos mais tarde também se constituiriam municípios independentes.

Com a notoriedade crescente do Complexo Hospitalar Juqueri por todo Estado, tanto nos seus aspectos positivos, quanto negativos e até pejorativos; com o nome “Juqueri” tornando-se sinônimo de “loucura” ou de doença mental de forma geral; com a cidade recebendo a alcunha de “cidade dos loucos”; ou ainda pelo bordão, inúmeras vezes repetido sempre que os trens da ferrovia Santos-Jundiaí chegavam àquela estação, e que ainda hoje ecoa na memória e no imaginário de boa parte dos moradores de Franco da Rocha e das cidades vizinhas: “Juqueri, quem é louco desce aqui”; por todos esses motivos e com o intuito de se desvencilhar desse estigma, em 24 de dezembro de 1948, atendendo a um pedido dos moradores de Juqueri, o prefeito Bento de Oliveira consegue junto à Assembleia Legislativa a aprovação da lei estadual número 233/48, mudando o nome do município para Mairiporã, termo formado artificialmente pela junção do termo da língua geral setentrional *mauri*, "cidade", e do termo guarani *porã*, "bonita", significando, portanto, "cidade bonita".

A partir dos anos 1950, conforme apontam Ricardo Nóbrega e Verônica Toste Daflon em seu artigo “Da escravidão às migrações: raça e etnicidade nas relações de trabalho no Brasil”, acontece uma mudança de rota no fluxo migratório nordestino, saindo do interior de São Paulo e se dirigindo para a região metropolitana da capital paulista.

De acordo com os autores,

“A partir de 1947 houve uma retomada do crescimento do fluxo migratório, que até 1951 se destinava predominantemente à áreas rurais. A partir da década de 50, houve uma inversão dessa tendência: a maioria dos trabalhadores nordestinos dirigiu-se à região metropolitana de São Paulo.” (Bosco e Jordão Netto, 1967 *apud* NÓBREGA; TOSTE,)

Esse evento, bem mais que com a própria existência do Complexo Hospitalar Juqueri,

“... relaciona-se a um período marcado pelo modo fordista de produção capitalista, no qual havia ainda uma divisão étnica do trabalho: os imigrantes europeus ocupavam os empregos centrais estáveis, de maior qualificação e melhor remunerados, enquanto os nacionais preenchiam os periféricos precários. O padrão migratório rural-urbano (no qual se destaca a migração nordestina para os grandes centros urbanos do país) perdurou durante a segunda metade do século XX e forneceu mão-de-obra necessária para o desenvolvimento urbano e industrial brasileiros característico desse período e a constituição de um exército de reserva, que contribuiu para manter as despesas com mão-de-obra mais baixas” (NÓBREGA; TOSTE, 2010, p. 22)

Isto possibilita e fundamenta as solicitações apresentadas pelos políticos representantes dos cidadãos dos, então, Distritos de Caieiras e Francisco Morato (antiga Vila Belém) e para que conquistem suas respectivas emancipações político-administrativas da Comarca de Franco da Rocha, tornando-se assim municípios independentes, que se dão em 14 de dezembro de 1958, para o primeiro e em 21 de março de 1965, para o outro. (VIDALI, 2019, p. 20)

Aquelas que, antes, eram uma só, Juqueri, passam a ser quatro cidades. Quatro lugares distintos, cada qual com suas características. Com suas cores, seus cheiros, sonoridades e destinos. Com sua gente e sua história.

E àquele Juqueri, que antes era aquilo tudo, restava então ser um espaço de confinamento de vidas e de histórias de vidas, muitas delas vindas de outros e muitos outros lugares e que tinha como principal objetivo invisibilizá-las. E nisso ele ganhou expertise e por anos e anos cumpriu seu papel.

No final da década de 1970, em pleno processo de redemocratização do país, tem início o Movimento da Reforma Psiquiátrica.

“Com o lema ‘por uma sociedade sem manicômios’, diferentes categorias profissionais, associações de usuários e familiares, instituições acadêmicas, representações políticas e outros segmentos da sociedade questionam o

modelo clássico de assistência centrado em internações em hospitais psiquiátricos, denunciam as graves violações aos direitos das pessoas com transtornos mentais e propõe a reorganização do modelo de atenção em saúde mental no Brasil a partir de serviços abertos, comunitários e territorializados, buscando a garantia da cidadania de usuários e familiares, historicamente discriminados e excluídos da sociedade.

Assim como o processo do Movimento da Reforma Sanitária, que resultou na garantia constitucional da saúde como direito de todos e dever do estado através da criação do Sistema Único de Saúde, o Movimento da Reforma Psiquiátrica resultou na aprovação da Lei 10.216/2001, nomeada 'Lei Paulo Delgado', que trata da proteção dos direitos das pessoas com transtornos mentais e redireciona o modelo de assistência. Este marco legal estabelece a responsabilidade do Estado no desenvolvimento da política de saúde mental no Brasil, através do fechamento de hospitais psiquiátricos, abertura de novos serviços comunitários e participação social no acompanhamento de sua implementação."⁴

Como consequência, o complexo psiquiátrico foi aos poucos fechando seus leitos e colônias de internações e, com o passar dos anos, partes de seus próprios e território foram passando a ter outras destinações como, por exemplo, a criação em 1993 do Parque Estadual do Juquery, com uma área de 2 mil hectares, destinado à preservação do último fragmento de cerrado da região Metropolitana de São Paulo.

No início dos anos 2000, uma antiga Colônia do Complexo Psiquiátrico é cedida para que a Polícia Militar de São Paulo possa instalar o 26º Batalhão / Canil, onde se encontra até os dias de hoje.

Ainda nos primeiros anos deste século, outras áreas mais próximas ao Centro da cidade, foram sendo desmembradas das terras do Estado e cedidas ao município.

Hoje, nessas áreas, além do Parque Estadual do Juquery, uma área de quase dois mil hectares, que preserva o último fragmento de cerrado da região

⁴ <https://bvsm.s.saude.gov.br/18-5-dia-nacional-da-luta-antimanicomial-2/>

Metropolitana de São Paulo, existem abrigados uma Praça Municipal de Saúde; um Parque Municipal, para atividades de esporte, cultura e lazer; o Museu de Arte Osório César, fundado em 1985 e que, após ficar fechado por mais de dez anos, devido a um incêndio que atingiu o prédio administrativo do Juquery, hoje, aos cuidados da municipalidade, foi totalmente restaurado por meio de um convênio com o FID⁵ e reaberto à população; um Centro de Vivência em Múltiplas Linguagens, espaço multiuso para atividades educacionais e artísticas; dentre outros equipamentos mantidos pela Secretaria de Educação e Cultura.

Também nesses últimos anos, sempre em parcerias de sua Administração com outras instituições públicas e/ou privadas, o Complexo Juqueri acolhe em seus já desativados prédios e jardins espetáculos de teatro, como “Juqueri - Memórias de quase vidas” do Teatro Girandolá, grupo de artistas locais; o festival de multilinguagens “Soy loco por ti, Juquery”; gravações de filmes e novelas dentre outras atividades.

Assim, aos poucos, a cidade vai ganhando e transformando esses espaços e com isso vai mudando a energia e os ares que, até tão pouco tempo, se respirava naqueles ambientes.

Por fim, como *gran finale*, no dia 01 de abril de 2021 - poucos dias antes que a Lei 10.216/2001⁶ completasse 20 anos, após seus últimos moradores, com históricos de mais de cinquenta anos de internação, serem levados para morar em residências terapêuticas, o Complexo Hospitalar do Juqueri, que já há alguns anos vinha vivendo seu ocaso, cerra suas portas e encerra suas atividades. Motivo suficientemente grande para que essa data (primeiro de abril) passe a ganhar na cidade um novo significado, que não o desafortunado “Dia da Mentira”, mas algo como o “Dia em que o Juqueri libertou a Loucura”.

Mas essa é uma outra conversa, que queremos encampar num outro momento.

⁵ Fundo Estadual de Defesa dos Interesses Difusos, vinculado à Secretaria da Justiça e da Defesa da Cidadania por meio da Lei Estadual nº 13.555 de 09/06/2009.

⁶ Lei de Reforma Psiquiátrica, sancionada pelo, então, Presidente da República Fernando Henrique Cardoso, em 06/04/2001.

Por agora, queremos tratar de outras histórias.

O Juqueri é aqui

o Juqueri não é aqui

o Juqueri inda é aqui

Depois de quase cento e vinte e três anos; muitos deles lidando com pessoas - como se pessoas não fossem - finda-se o período mais sombrio da história dessa região e um dos mais vergonhosos da história do Brasil. Vão-se os confinamentos, os experimentos coisificantes, os diversos e controversos tipos de terapias, os eletrochoques, os maus tratos e outras tantas violações de direitos de pessoas com transtornos. Ficam, porém, as histórias, que precisam fazer-se gritadas para que suas pegadas não sejam apagadas e jamais repisadas ou reprisadas. O que certamente já tem sido e deverá continuar sendo feito por tanta gente boa a competente.

De nossa parte, no entanto, a partir deste ponto, todo e qualquer acontecimento que queremos que seja contado neste trabalho não mais terá o Complexo Psiquiátrico como pano de fundo, pois aqui temos o intuito de que uma outra face da cidade seja revelada. Face esta que na verdade existiu desde seu surgimento, mas, que por sempre ter sido formada e conformada pelos “ninguéns”⁷, a ninguém tocou sequer mencionar. Temos consciência de que não será uma tarefa

⁷ Referência ao poema de Eduardo Galeano

usual, pois, como tivemos já a oportunidade de indagar num outro trabalho⁸, “o que seria daqui, se não fosse o Juqueri?”, mote este que, de alguma maneira, deve visitar o inconsciente dos moradores da cidade, sobretudo os mais antigos.

Portanto, conforme anteriormente mencionado, este trabalho passa a se dedicar à pesquisa e difusão de narrativas que carreguem consigo significados de existências deste lugar, desde lá muito longe no tempo, quiçá, desde a presença por aqui dos povos originários. E a metodologia escolhida para tanto foi a de, através do encontro com pessoas que viveram e vivem em Franco da Rocha desde um tempo em que eram ainda gente tantas ruas, monumentos e outros ícones que hoje cognominam a cidade e nessas conversas descobrir histórias, causos, lendas e outras memorialidades que pontuem e revelem sentidos àquilo que é a vida da cidade nos dias de hoje, transcrevê-las e recriá-las em narrativas artísticas.

⁸ Referência ao espetáculo teatral “Juqueri - memórias de quase vidas”, do Teatro Girandolá.

II - Confabulações

Em determinado trecho da introdução de seu livro *Memória e Sociedade - lembranças de velhos*, para outorgar “autoridade sobre o registro de suas lembranças e consciência de sua obra” a cada um de seus depoentes, escreveu a professora Ecléa Bosi:

“Os livros de História que registram esses fatos são também um ponto de vista, uma versão do acontecido, não raro desmentidos por outros livros com outros pontos de vista. A veracidade do narrador não nos preocupou: com certeza seus erros e lapsos são menos graves em suas conseqüências que as omissões da História oficial. Nosso interesse está no que foi lembrado, no que foi escolhido para perpetuar-se na história de sua vida.” (Bosi, 1979, p.1)

Bastante inspirado por este ensinamento foi que nos propusemos a conversar com algumas senhoras e alguns senhores, moradores da cidade de Franco da Rocha, que aqui nasceram ou para cá vieram, em diferentes épocas e que puderam vivenciar boa parte da história e desenvolvimento local.

Importante apontar que único critério adotado para seleção desses encontros foi o de não convidar historiadores ou qualquer outra pessoa de alguma forma envolvida com a história do município, mas sim pessoas que tenham vivências com o cotidiano da cidade.

E é nesta parte do trabalho, que transcrevemos trechos dessas conversas que aconteceram entre os meses de dezembro de 2021 e fevereiro de 2022.

Os encontros não foram extensos, com cada um deles tendo, em média, duração de 60 minutos, desde a chegada, quando explicávamos com mais detalhes os motivos de nossa conversa e solicitávamos por escrito a autorização para que podessemos registrá-las em áudio, para que depois fossem transcritas. Só então, iniciávamos os trabalhos. Assim sendo, não nos foi possível estabelecer ou criar um vínculo de amizade, confiança ou outro com os interlocutores. Não obstante, pudemos perceber que para cada uma daquelas pessoas, sentir-se provocada em revolver algumas de suas memórias foi um exercício positivo.

Cabe também apontar que, embora muitos dos assuntos abordados pelos narradores, a partir de suas lembranças, apresentarem pontos similares, trazem também em si bastante peculiaridade. Entendemos que isto se justifica pelo fato de os interlocutores não recorrerem a quaisquer outros arquivos que não suas memórias, para formularem suas narrativas durante nossos encontros.

Ainda a título de curiosidade, pudemos observar que durante os encontros, homens com quem conversamos foram bem mais prolixos e demonstraram menor pudor em se expressarem. Mesmo sendo a entrevista realizada no primeiro encontro com cada uma das pessoas interlocutoras, notamos que as mulheres foram sempre mais contidas, só ficando mais à vontade ao final das conversas e ainda mais após o gravador ter sido desligado.

Abaixo segue o Roteiro que formulamos para uma condução com um mínimo de coerência entre as conversas.

- Uma apresentação;
- Lembrança mais remota da cidade de Franco da Rocha;
- Existem características / peculiaridades de Franco da Rocha, que independam do Juqueri. Quais?;
- É possível contar histórias/acontecimentos de Franco da Rocha, sem que o Juqueri esteja presente nessas narrativas?;
- Existe alguma memória da cidade, que não tenha relação alguma com a existência do Juqueri?;
- Em 01/04/2021 o Juqueri encerra de vez suas atividades. Na sua opinião, como será o futuro da cidade sem o Juqueri?

II.1 - Das apresentações

Segue, pois, na ordem cronológica dos encontros, a apresentação de cada uma dessas pessoas, às quais foram solicitadas, para início da conversação, nome, data e local de nascimento, bem como profissões que exerceram ao longo dos anos:

No dia 13 de dezembro de 2021, pudemos nos encontrar para uma conversa com o senhor Altino Anzelotti ou simplesmente seo Altino. Nascido em 08 de agosto de 1927, há 94 anos, “- *na Estação Juquery - hoje Franco da Rocha, município de Juquery - hoje Mairiporã; numa casinha defronte dali onde hoje existe uma agência do banco Santander*”, conforme suas próprias palavras..

Dentre as muitas ocupações que teve em sua longa vida, o “seo” Altino destacou:

“- Eu trabalhei com carroça, trabalhei no Manicômio Judiciário, fui encarregado da garagem do Hospital, trabalhei como chofer de praça...”

Depois brinca:

“- Ah, o posto de gasolina que eu trabalhei mas os caras não me pagaram meus direitos.”

Referindo o fato de ter sido colaborador no posto de gasolina de seu filho, já após alguns anos de aposentadoria.

No dia 13 de janeiro de 2022, foi a vez de conversarmos com Benedito Nivaldo Coutinho de Abreu, popularmente conhecido na cidade de Franco da Rocha como Dito Coutinho. Nascido em 04 de outubro de 1954, há 67 anos, “- *no Hospital do Juqueri*”.

Organizador do Juca Post, tabloide mensal, fundado em 1985 e autor do livro Histórias Pra Dedéu, que relata acontecimentos sobre a cidade e seus personagens. É também criador e co-apresentador do programa Bar do Juca, que vai ao ar nas noites de segunda-feira, na Nova Rádio Estação FM, de Franco da Rocha. Porém, no que diz respeito a sua principal ocupação, diz:

“- Eu sou mais voltado pro desenho. Eu sempre quis ser Desenhista. Eu tive que me adaptar a várias atividades, pra poder desenvolver alguns projetos (...)

porque não adianta você estar endinheirado e estar fazendo algo que você não gosta. Você não vai estar feliz, embora você tenha um conforto. O dinheiro proporciona isso. A gente que tem uma linha mais pro lado artístico, vai fazer aquilo que você gosta. Mesmo que ganhe pouco. Só pra se manter, ter um lugarzinho pra não tomar chuva, uma casinha simples tá bom. Pra algum gasto extra ajuda. Não pra você ter o carro do ano, estar se vestindo de acordo com a moda, nada disso. Importa aquilo que você gosta de fazer. É o que mantém o ânimo pra você continuar vivendo. E o desenho me proporcionou isso.”

Depois, no dia 15 de fevereiro, nos encontramos com a senhora Maria de Lourdes Santos de Oliveira, a dona Lourdes. Nascida em 23 de agosto de 1943, há 78 anos, no bairro da Bela Vista, cidade de São Paulo. Veio para Franco da Rocha no ano de 1951, aos 8 anos de idade. É bastante sucinta ao falar de sua profissão:

“- Hoje eu estou aposentada. Mas trabalhei no Juqueri de Atendente Hospitalar e Auxiliar.”

Outra pessoa com quem conversamos, no dia 16 de fevereiro de 2022, foi a senhora Leonice Aparecida Marques Savazoni, a dona Nice. Nascida em 10 de fevereiro de 1943, há 78 anos, na cidade de Jundiaí. Mudou-se para Franco da Rocha aos 2 anos de idade, no ano de 1945. Também é bastante concisa ao falar de sua ocupação:

“- Hoje estou aposentada, mas trabalhei por 32 anos na Fábrica de Linhas Linharte, que depois passou a se chamar Vera Cruz.”

Por fim, em 17 de fevereiro de 2022, pudemos nos encontrar para uma conversa com a senhora Valdelice Monteiro de Oliveira, a dona Val. Nascida no dia 09 de janeiro de 1946, há 76 anos, na cidade de Aracajú, estado de Sergipe. Veio com a família para Franco da Rocha no ano de 1982, há 38 anos. Para falar das profissões das quais se ocupou até se aposentar, assim como as duas anteriores, dona Val foi de poucas palavras:

“- Antes de me aposentar eu trabalhei de Doméstica, Balconista e na Prefeitura de Franco da Rocha, de Merendeira.”

II.II - Das lembranças mais remotas da cidade

Como forma de tentar nortear um pouco as conversas e estabelecer um mínimo de coerência entre todos os encontros, formulamos um roteiro com algumas perguntas, para nortear as conversas.

Então, feitas as apresentações, a primeira questão que formulamos foi para saber quais eram as lembranças mais antigas da cidade que cada um dos interlocutores trazia, naquele momento de nossa conversa.

Passamos agora a transcrever essas memórias expondo, de início, o que cada uma das pessoas revelou no momento da pergunta, porém, vale apontar que, com o avanço das conversas, novas lembranças foram surgindo e, em determinados momentos, esse tema foi sendo retomado.

Demonstrando bastante disposição e boa conversação, seo Altino Anzelotti começou contando que *“- O Juqueri tinha luz própria. Era lá da Quarta Colônia. Tinha um estrangeiro que se chamava Stanislaw. Ele que cuidava. As máquinas limpas, sempre em ordem. E o Zé Barbosa foi ajudante dele. Depois ele veio aqui pro ponto, trabalhar com carro de praça. Eu... ali da Quarta Colônia⁹, eu tenho uma história valorosa. Acho que era Beneducci¹⁰, achou que lá tinha ouro e começou a explodir pedra, pedra, pedra. Formou muita pedra, ele começou fazer guia e paralelepípedo e montou um trenzinho, que vinha pela rua da feira, ia pra Quarta Colônia e essa pedra ia pra avenida Paulista, pra calçar a avenida Paulista. E aqui de Franco da Rocha tinha um italiano. Era ele e o filho - eu não vou citar nome - que iam com uma caçamba trabalhar na avenida Paulista. Ele ia por estrada de rodagem com a caçamba, trabalhava a semana toda. Sábado ele voltava”*

Seo Altino vai citando os personagens das suas histórias pelos nomes, como se nos fossem também conhecidos. Apenas com o decorrer das histórias conseguimos fazer alguma contextualização deles.

⁹ Nessa época, 1886, o local em questão era conhecido como Pedreira, passou a ser chamado Quarta Colônia depois de ser adquirido pelo Governo do Estado para integrar o Complexo Hospitalar do Juqueri, já nos anos 1900.

¹⁰ Filoteo Beneducci

“- O Beneducci não achou ouro, mas ele montou um trem para transportar a pedra, de lá da Quarta Colônia, pro pátio da Estação. Aí entrava na estrada de ferro e ia lá pra avenida Paulista.”

E a conversa com seo Altino foi seguindo de maneira saborosa e sem que precisássemos colocar alguma nova questão ele seguiu passeando por suas memórias que, vez ou outra, pareciam querer recuperar algo que tivesse ficado para trás:

“- Então, o Beneducci... eu andei, quando era menino, garotão ainda, em cima dos dormento (sic) do trenzinho; que ele vendeu a máquina - o número dela era 70 - ele vendeu pra Melhoramentos. Serviu lá na Melhoramentos muito tempo.”

Quando, enfim, lhe vem uma lembrança da política da cidade naqueles tempos, assunto que parece também gostar, seo Altino não esconde o orgulho de dizer:

“- Eu trabalhei com Benedito Fagundes Marques¹¹. Então, eu tava na rua trabalhando com ele, com o pessoal. Chegou um carro com cinco passageiros pra votar no PSP¹². E eu tava trabalhando com Benedito Fagundes Marques, que era do PTB¹³. Aí eu falei pro cara ‘- Se descer um passageiro, nós tomba o carro’. O Fagundes chegou e falou pra mim assim ‘- Um soco ainda eu dou’ (fazendo sinal de quem puxa um gatilho) ‘- Um soco ainda eu dou’”. (Risos)

Em seguida, as recordações são sobre as relações da Estação de Juqueri com a sede Juqueri - hoje Mairiporã. E seo Altino, sem perder a empolgação, cita a seguinte uma lembrança:

“- Mairiporã tinha um correio. Era um homem, que ofereceram um cavalo pra ele trazer o correio, de Mairiporã pra cá e daqui pra lá. E ele respondeu que o tempo que ele perdia pra arrear o cavalo, ele vinha a pé. Ele vinha e voltava, todo dia. O cidadão chamava-se Abrão.”

¹¹ Primeiro Prefeito do Município de Franco da Rocha (de 01 de janeiro a 22 de novembro de 1945), hoje dá nome a uma das principais Avenidas e a uma Escola da cidade.

¹² Partido Social Progressista (PSP), fundado em São Paulo por Ademar de Barros, em junho de 1946.

¹³ Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), partido político brasileiro fundado em 1945.

Depois discorre:

“- O Coronel Fagundes¹⁴ tinha uma fazenda. De Mairiporã até Santana era terras dele. Um dia... - eu tenho uma ligeira impressão, não sei se isso aconteceu - ele ia de Mairiporã pra Tucuruvi de trole - charretinha. E eu tenho uma impressão de que minha mãe levou ele muitas vezes no trole. Ela era menina e tocava o trole. É que ela trabalhou de cozinheira lá.”

“- A minha mãe , em Mairiporã, era da família Pinto da Silva. e o meu pai era Anzelotti, daqui. O italiano foi lá jogar bola, namorou e casou com a caipira e fizeram família.”

“- Mas a história de Mairiporã tem muito a ver com os Fagundes. Eles mandavam. Eles faziam tudo daquilo lá. Faziam e desfaziam.”

Para depois, logo em seguida, fazer uma relação com um fato acontecido mais recentemente:

“- Há uns dezesseis, dezessete anos, chegou um carro no posto. Olhou pra mim e falou: “- Onde que tem uma casa de peças aqui?”, eu falei “- Que que o senhor quer? É engrenagem, ou é ornamental? Se for engrenagem é um japonês. José Japonês. E se for...”, o cara era aleijado e eu não queria... “- Se for ornamental é ali, que atende bem”. E ele ficou mexendo no carro e eu perguntei pra ele “- O senhor não é daqui?” Ele falou “- Não.”, seco. Aí passou, eu perguntei outra vez, “- O senhor não é daqui?” Ele falou “- Sou neto daquele homem lá, Coronel Fagundes. - apontando a placa com nome da rua - O senhor conheceu?”, “- Ele eu não conheci. Eu conheci o Dico, o Nino, Oscarzão e o Luis”. O cara era filho do Luis. Ele fez assim, “- Puta vida! Olha, se o meu irmão vem aqui, ele chora”

Na cabeça de seo Altino, as lembranças parecem chegar sem dificuldade, e de forma aleatória, sem respeitar uma cronologia com a lógica que conhecemos. Por isso, logo lhe vêm recordações de quando ainda era menino:

¹⁴ Coronel Sezefredo Fagundes nasceu em Bragança Paulista, São Paulo, no ano de 1868. Político de projeção, quer no Município de Juqueri, onde exerceu por diversas legislaturas o cargo de Presidente da Câmara, quer na Capital, onde desfrutava de grande prestígio. Hoje também dá nome a ruas nas cidades de Franco da Rocha e Mairiporã.

“- Quando eu era pequeno eu ia nas festas de Nossa Senhora da Conceição. Que a igreja não era essa. Era uma capela. E eu via a festa. Eram muitos fogos. E os Pereiras, que eram fazendeiros, vinham com samba, na festa de Nossa Senhora da Conceição. E essa igreja, foi o Cavalheiro Ângelo Sestini que fez.”

E em sua cabeça parece brotar uma porção de recordações, sobre diversos temas de sua mocidade:

“- Lá na propriedade do Cavalheiro Angelo Sestini era o campo do Corinthians - meu pai foi jogador do Corinthians¹⁵ - depois, você atravessa a linha pra lá. Quando cê faz a curva lá, ali entrava pro Corinthians e atrás do campo do Corinthians tinha o clube Cinco de Maio. E, por sinal, por reconhecimento da minha cabeça, eu vi o enterro da presidente do Cinco de Maio, dona Beatriz Savazoni. Passou o enterro e o Carlinho Lerussi, com um mastro do clube, puxando o enterro.”

Também o trem, tão característico no cotidiano atual da cidade, também marca presença nas lembranças de seo Altino:

“- E o trem de Franco da Rocha, você tirava passagem de segunda e quem podia tirava de primeira. No caso de lotar o trem, que não te achassem banco de segunda, você podia sentar no carro de primeira, que você era considerado. Porque passava um guarda trem, picando o bilhete de todo mundo. Em pé não ia ninguém. Não passava ninguém. Quer dizer, ali quem tirou de primeira, pagava de primeira e sentava. E quem tirou de segunda e não tinha banco, sentava no de primeira e não pagava a diferença.”

Também a infância é ainda alcançada por suas lembranças. E de forma detalhada rememora um fato que vai fazer relação com outro acontecido décadas depois:

“- Em 1932, Eu tinha cinco anos e a minha mãe ia numa costureira, que era mulher de um senhor chamado Luiz Incau. E o Luiz Incau foi pra Capão Bonito,

¹⁵ Existiu um outro Corinthians em Franco da Rocha, antes daquele que seria fundado em 1953 e que será citado num outro momento deste trabalho.

levar bolacha água e sal e facão, pros paulistas que estavam esperando os mineiros, em Capão Bonito. Quando ele chegou lá, acabou a revolução. Ele voltou, parou em frente ao (hoje) Banco Santander - ele morava em frente ali - distribuindo bolacha pro povo. Acho que veio uma ordem pra distribuir. Eu tenho o facão aqui. Que eu tenho a impressão, eu penso assim, que esse facão foi dado pro meu tio Chinin. É um facão jacaré. E a minha prima me deu pra mim o facão. Eu me lembro. Oito dias depois, ele morreu de tifo. Seo Luiz Incau. Aí, distribuiu a bolacha, passou. Isso foi em 32. Em 1960 eu fui transferido do manicômio pro hospital. Fui pra garagem do hospital, de motorista. Chego lá, eu vi um cara lá, olhei pra ele e disse “- Você era parente do Luiz Incau?”, “- Ah, vai me dizer que você conheceu ele?”, eu falei “- Eu tô achando você parecido.”, ele falou “- Ele era meu tio”.

E seo Altino para a nos contar sobre a turma com quem jogava futebol e fazia outras estrepulias em sua infância:

“- Ah, na minha turma daquele tempo tinha o Duche, filho do Damião. Damião, era o motorista do Manicômio, que a turma falava que um dos melhores motoristas do Estado tava lá. Ele era italiano. Tinha o Giocondo..., ah num lembro bem... é difícil, né. Então a gente jogava bola na Sete de Setembro e lá tinha... lá foi a delegacia. Ali tem umas casinhas, ali tem uma casa comercial, ali era a delegacia. Então, veio um cabo da polícia chamado cabo Altino. E ali era a delegacia. E tinha dois times, o time de cima e o de baixo. Ele sentava na porta da delegacia, apontava um carro lá, ele (som de apito), parava. Ele tirava a molecada (som de apito) ‘- Pode ir embora’. Então, eu jogava bola ali.”

“- E da fazenda dos Pereira, um deles se matou. Ele amarrou uma corda no pescoço, pendurado. E veio pra delegacia. e a molecada ali queria ver o defunto. Porque ele ia pra São Paulo pra analisar. Não era aqui, né. E a molecada, jogando bola lá ‘- Deixa ver, deixa ver’. E o cabo Altino tinha que fazer o horário do trem. Que antigamente era obrigado um policial acompanhar o desembarque e o embarque. Aí ele falou ‘- Quem quer ver homem, entra depressa aqui’. Na hora que entrou uns oito ou dez moleques, ele fechou a porta e deixou nós lá. Então, a gente viveu uma parte boa. A delegacia, depois de muito tempo, mudou pra cima ali onde era o Chinin, que era meu tio...”

E depois de uma pausa para um gole d'água, conclui:

“- Então, esse cabo dava aula pra nós. Quando faltavam quinze minutos pra terminar, dez minutos; eu era pequeno; ele tirava três, quatro pequenos do time de cima, três, quatro do de baixo, “- Agora é do ‘imbigo’ (sic) pra cima, pode chutar, pode chutar”.

Para Dito Coutinho, assim que indagado, as primeiras lembranças que surgem demonstram a sua forte ligação com a Vila Ramos, local em que cresceu e viveu boa parte de sua vida:

“- Eu sempre tive uma influência muito grande dos quadrinhos. Na minha época, quando eu era garoto, eu lia muito gibi. A história em quadrinhos, que hoje se fala HQ, graphic novel, tudo. No nosso tempo era gibi. E eu não tinha dinheiro pra comprar os gibis. Era moleque ainda. O meu pai não dava dinheiro e eu tinha, às vezes, que engraxar um sapato pra ganhar um dinheirinho. Aí eu comprava uns gibis. E a forma da gente duplicar aquilo era trocar gibi com os amigos; que era um costume que existia na época. Então, a gente pegava um bocado de gibi e saía pelas ruas do bairro lá, procurando quem você achava que tinha o gibi pra gente trocar com exemplares que você não tinha lido. Às vezes, você estava interessado num que o cara tinha e você não tinha. Cê oferecia até dois pro cara... igual figurinha. Então, é assim que a gente fazia as leituras nossas.”

“- Porque televisão, eram poucas as pessoas que tinham. No meu bairro lá, eu só conhecia a vizinha que tinha tv. Mas eu não ia toda hora encher o saco dela pra assistir. Então eu ia no bar da esquina, do seo José da Silva, que ficava perto de casa. Aí eu, quando podia, ficava lá assistindo os desenhos que ele deixava assistir. Os desenhos do Jambo e Ruivão, Pepe Legal, aquelas coisas. No preto e branco. E o cineminha do nosso bairro, da Vila Ramos, Cine Clímax. De sábado e domingo passava matiné, então a gente assistia muito Tarzan, Mazaropi e alguns faroeste lá da época, né.”

De repente, com o Cine Clímax surgindo na memória, despertar-lhe uma vontade de continuar falando:

“- O Cine Clímax funcionou, pelo que eu me lembro, desde garoto, lá pra década de 60. Eu acho que da década de 60 até 70 foi que eu vi ele funcionar. Aí depois... Não, quando eu me dei conta, já existia. E era um sistema legal, porque tinha um alto-falante bem no topo do telhado que ele ficava tocando as músicas da época, pra chamar o público pro cinema. Aí quando ele tocava uma determinada música, a gente sabia que ia começar a sessão. Então a gente falava: ‘- Agora vai começar a sessão’.”

“- A música era um dobrado. Depois, quando eu fiz o programa de rádio Bar do Juca, o Mario Boito contou que sabia o nome do autor. Chamava John Phillip Souza. Era autor de músicas militares americanas. Era um maestro de origem portuguesa que tinha esse nome. E era daqueles dobrados, aquelas marchas bacanas. Naquela época tocava muito.”

Depois, desanda a falar sobre sua relação com a cidade:

“- Eu adoro a cidade. Já tive a oportunidade de sair daqui, mas não quis. Eu gosto daqui da cidade, daquele povo antigo. Então, eu tenho uma identificação muito grande com Franco da Rocha.”

“- E o que me lembra o passado muito, era o Centro Cultural, que hoje tá lá, né. Que a gente sempre conviveu com o Centro Cultural. E na parte musical a gente tinha vários lugares da cidade, os bares...”

“- No meu tempo, no meu bairro tinha o bar do Fredolino. Foi onde eu me iniciei musicalmente. Vendo aqueles músicos tocando, me incentivou a gostar da música e aprender também. Depois da música, eu tinha o lado pessoal meu que é de desenho, aí eu fui aprendendo. Eu sou meio autodidata, aprendi sozinho.”

“- Mas teve exposições no tempo da dona Raimunda¹⁶, ali no Centro Cultural e eu pude trazer meus trabalhos ali. Era na base da história em quadrinhos também que eu fazia. E é umas coisas que me identificaram muito com a cidade, foi a parte musical e a parte de artes.”

¹⁶ Raimunda Assunção dos Santos, uma das pessoas mais importantes para o desenvolvimento artístico cultural de Franco da Rocha, que hoje dá nome ao Centro de Vivência em Múltiplas Linguagens, implantado pela Secretaria Municipal de Educação, no ano de 2016, em um dos espaços do antigo Complexo Hospitalar do Juqueri cedidos à municipalidade.

E a citação de dona Raimunda o faz demonstrar a gratidão que muitas pessoas têm na cidade por ela e também a apreciação que traz pelo filho, seu grande amigo:

“- Dona Raimunda é uma personagem da cidade que precisava ser mais conhecida. Muita gente não sabe a importância dela. Porque ela ajudou muito os artistas que estavam começando aqui na cidade. E o filho dela, Wilson - o Magrelão, como a gente chamava - estudou na minha classe, foi meu amigo. A gente tocou junto na fanfarra do Befama¹⁷, antes do Maestro Jairo aparecer. Era o Emilinho que regia.”

“- E na fanfarra o Wilson, filho da dona Raimunda, já falecido infelizmente, tocava caixa de repique junto comigo. Então a gente mantinha o ritmo da fanfarra, que na época era o Emilinho Grecco que era o instrutor. Então, eu tenho uma relação muito legal com o Wilson e com a mãe dele, a dona Raimunda, por parte de arte. Era uma coisa legal.”

Ao ouvir a pergunta, após refletir alguns segundos, para dona Lourdes, as primeiras lembranças da cidade parecem não terem sido muito agradáveis:

“- A cidade não tinha luz. Na nossa casa não tinha geladeira. A gente comia sopa de fubá, farinha de milho e mingau de aveia. Eram esses nossos alimentos. Nasci em São Paulo, fui pra Taubaté. Aí, meu avô (pai do meu pai), que morava aqui, ficou doente e minha família veio pra cá. Mas vim chorando, eu não queria ficar aqui. Sabe, você vai ser criada num lugar diferente do que... Agora tá muito bom, mas eu vim muito triste. Depois você acostuma. Agora não quero sair daqui.”

“- Mas a cidade aqui era tudo muito morto. Não tinha nada. Tinha um armazém, subindo onde é a Casa do Pintor e, do outro lado era o Saul; que também era armazém; que agora nem sei o que é mais ali. Porque faz tempo que não passo ali. Agora virou a Casa do Pintor. Em cima da Casa do Pintor não tem umas casinhas ali, tudo velha? Eu morei ali naquela vilinha. Bem no Centro, mas uma

¹⁷ Escola Estadual Benedito Fagundes Marques, primeira escola a implantar o ensino ginasial na cidade, no final da década de 1960.

vilinha com três, quatro casas e um banheiro pra todas as casas. Cada dia um tinha que lavar. E lavava? Quem lavava éramos nós.”

“- Naquele tempo, não tinha casa que nem agora tem, que tem quarto, banheiro, sabe? Tudo seu, particular. Não. Era tudo um banheiro pra todo mundo.”

“- Depois, quando o pai do meu pai faleceu, a gente ficou na casa cuidando da minha vó, mãe do meu pai. Até que ela chegou a falecer. Então, nós fomos lá pra Vila São Benedito. Sabe lá em cima? Meu pai comprou uma casa lá e moramos, eu acho que seis anos ou um pouquinho mais.”

“- Só que depois teve uma desavença entre eles dois e foi preciso vender a casa. Vender não. Deu né.”

“- E aí nós viemos morar aqui na Vila Ramos. Sabe a igreja velha? Do lado de lá não tem um muro cheio de árvores, com uma casa até antiga? Nós moramos ali. Bem no centro da Vila Ramos. Mas também, a gente era criança ainda.”

“- Mas foi muito triste. Mas parece que a gente vivia melhor do que agora. A gente, eu acho, era feliz e não sabia. É que agora tá tudo diferente, né.”

Então, sua cabeça parece um salto e ela passa a rememorar seus tempos de mocidade:

“- Depois que eu fiquei moça, ia no Expedicionários¹⁸ dançar. Nos bailes e nos jogos do Expedicionários, no cinema. Lá onde é a Casas Pernambucanas tinha o Cine São João. Naquele tempo, tinha o Cine Marajá e o São João. Eu ia no Cine São João. Dizem que tinha um cinema na Vila Ramos. Se tinha, não me lembro não. Depois o campo do Expedicionários foi demolido. Não teve mais nada.”

“- Então veio aquela firma, Linharte. Fui arrumar serviço lá, não pegava porque disse que gente de cor não entrava. Eu vim embora chorando pra minha casa. Aí fazer o quê? Eu falei: ‘- Deus sabe o que faz’. Não é mesmo?”

“- Aí depois fui pegando mais idade, fui trabalhar em casa de família. Da casa de família fui trabalhar no Hospital da Lapa, com crianças. De lá, fiz teste aqui no Juqueri, passei, vim pra cá e fiquei trinta e dois anos. Aposentei aí. Cuidava dos pacientes, depois passei pro Pronto Socorro e aí... acabou tudo.”

¹⁸ Clube Atlético dos Expedicionários, fundado em 27 de julho de 1942..

Em sua resposta, Dona Nice, apresenta-nos as memórias, como quem as vai tirando de uma estante, desembulhando-as para que possam ser apresentadas. As histórias parecem estar guardadas, arquivadas, jamais abandonadas:

“- Eu vim pra cá, eu tinha dois anos e nós viemos direto aqui pra Vila Ramos. Quem arrumou pro meu pai no Juqueri foi meu tio Elias, que era encarregado da Quarta Colônia.”

“- Então, a gente já veio pra cá com casinha alugada, tudo. E isso em 1945.”

“- Então, nessa época, a gente quase não saía daqui. Pra ir daqui pra Franco, cê tinha que ir a pé. Era um trilho só, não tinha condução, não tinha nada. Então, dificilmente a gente saía, porque não tinha luz... “

E sua cabeça parece seguir desfilando por um jardim de recordações:

“- Na Vila Ramos aqui eu morava numa casinha atrás da igreja - mas ainda não tinha a igreja. Tinha o barzinho do seu Tarifa ali. Aqui onde é a praça era um matagal só. Você entrava aqui saía na rua de baixo. E as pessoas daqui. Aqui na frente a dona Elvira, que quando nós viemos já morava aqui. Os Primos ali em baixo. Aqui do lado também, que quando a gente veio, logo depois mudaram pra cá. Então, eu só conheci esse pedaço, entendeu?”

“- Depois, quando eu tinha uns cinco anos ou seis, só tinha o primeiro grupo, lá em Franco, onde era a Biblioteca depois. Mas eu não tinha como ir, porque minha mãe não tinha condições de me levar. E naquele trilho... “

“- Daí, eu voltei pra Jundiaí pra morar com a minha vó. Lá eu fiz o primeiro e o segundo anos.”

“- Então, quando inaugurou o Azevedo e minha mãe foi me buscar pra estudar ali. Ia pelo trilhozinho ainda, mas era mais perto. Então, é essa a visão que eu tenho desse tempo.”

E, logo depois, relembra um pouco dos tempos de mocidade:

“- Eu fui conhecer bem o Centro, só depois que eu entrei na Fábrica. Quando eu comecei a trabalhar.”

“- E a gente, quando completava os 18 anos, tinha que ir pra lá, pra poder votar. Que votava só lá no Centro.”

“- Antes ainda, pra poder sair um pouquinho de casa, eu ia com a minha tia votar. Ela votava mesmo ali onde era o Primeiro Grupo¹⁹, ali embaixo.”

“- Daí, quando eu entrei na fábrica mesmo que eu fui conhecendo mais o Centro, as coisas de lá.”

E ainda lá, nas suas lembranças mais remotas, dona Nice traz à cena um fato/personagem que se fará presente em quase todos os encontros:

“- E me lembro das enchentes também, que a gente já conhecia desde essa época. Na frente da fábrica, era o campo do Expedicionários. Toda aquela frente lá, até (onde hoje é) o viaduto, tudo ali, era o campo do Expedicionários. Então, quando chovia aquilo lá ficava uma piscina enorme. Mas só que naquele tempo a água escoava logo, porque não tinha nada ali. Era o campo, a estrada toda de terra, porque não tinha asfalto, não tinha nada. Então, a água logo já sumia. Aí começou a construção de tudo aquilo ali. O Centro começou a calçar e tudo, não tinha como escoar. Quando era essa época, só ficava o campo do Expedicionários cheio.”

“- Mas depois que começou a construir a praça, todas aquelas lojas, aí a gente entrava na fábrica, às vezes, com água nas canelas. Trabalhava o dia inteiro com o pé molhado, porque não tinha como, né. Já naquele tempo, as máquinas eram altas, então, a água não chegava nas máquinas, mas tinha arquivo... O escritório era em cima, tinha embaixo o porão, que era arquivo, a gente tinha que correr pra socorrer papelada, pra não molhar e tudo isso no meio a água. Mas a água logo escoava.”

E traz a curiosidade do fato de a cidade alagar mesmo sem chuva alguma:

“- E é engraçado que, às vezes, dava aquela choverada, a gente da janela da fábrica via encher. Dali a pouco, não tinha mais a água. Daí saía o sol e enchia de novo. Porque a água vinha de Morato. Então, quando vinha de morato, aquilo ficava um horror.”

¹⁹ Hoje Casa de Cultura Marielle Franco, o Primeiro Grupo foi a primeira escola implantada na região, antes ainda do município ter sido fundado.

“- E assim foi, eu fui conhecendo depois, né. Aí, conheci muita gente. Quando você começa a trabalhar, você conhece muita gente. É essa a vida que a gente teve por aqui.”

Para depois trazer de volta um pouco mais sobre a cidade de antigamente:

“- A única coisa que tinha na cidade era a fábrica e as lojas, o comércio. e assim mesmo era mais o Misson que tinha naquele tempo, supermercado era o Saito só que tinha. O Federzoni²⁰ tinha uma portinha ali na Sete de Setembro - entrando nela, ficava assim à esquerda - era uma portinha de madeira que tinha ali, que eles trabalhavam mais com cereais naquele tempo. Depois que eles fizeram aquele grande, onde é o Saito agora. A maioria das pessoas já trabalhava em São Paulo. Eu mesmo trabalhava na fábrica e ia de bicicleta.

Já, para dona Val, as lembranças mais remotas da cidade, suscitadas na questão, estão bastante ligadas aos familiares e de curiosidades da cidade quando da sua chegada:

“- Eu me lembro de quando eu tinha os meus meninos pequenos. Eu ia levá-los pro pré. Eu ia também muito na Biblioteca com meus filhos, no tempo em que seu Zé Parada era o diretor. Me lembro que antigamente tinha aquela ponte que a gente atravessava a linha de trem. Eu lembro da loja Niken, que ficava bem ali no meio da estrada, da Fábrica de Linhas. Eu lembro também que, no tempo que eu cheguei aqui, tinha muitas charretes. Não tinha quase ônibus e os táxis eram charretes. E lembro também que, antigamente, eu ia levar meus filhos no Juqueri, que o pronto socorro era lá. Meus filhos eram pequenos e quando eles ficavam doentes, a gente tinha que correr com eles pra lá. Ia a pé e voltava a pé.”

“- Eu lembro que foi meu pai que fez a gente vir pra aqui. Ele morou aqui muitos anos, depois foi pra Minas, onde ele faleceu. Mas foi por causa dele que a gente veio pra cá.”

²⁰ Antigo Cerealista, depois supermercado que existia na cidade.

Depois acrescenta:

“- Eu gostava muito de passear com meus filhos no Parque Juqueri. Meus filhos eram pequenos e a gente ia, entrava lá pelos Bombeiros²¹. Eu levava meus filhos lá. O parque ainda era pequeno, mas parece que agora cresceu e tem trilhas que chegam até o Museu de Franco. Daquilo eu me recordo muito, por causa dos meninos que eram todos pequenos. Hoje meu filho mais velho tá com 44 anos. O tempo passa!”

²¹ A Escola Superior de Bombeiros é responsável pela formação, capacitação, atualização e especialização de bombeiros de todo o Estado de São Paulo. Localizada em Franco da Rocha, é a maior escola de bombeiros da América Latina. O local tem como missão o desenvolvimento do ensino, da pesquisa e da capacitação dos bombeiros (<https://www.saopaulo.sp.gov.br/ultimas-noticias/conheca-a-escola-superior-de-bombeiros/>)

II.III - Das peculiaridades de Franco da Rocha

A segunda indagação que fizemos aos nossos interlocutores foi sobre quais eram, no entender de cada um deles, as principais peculiaridades da cidade, independentes do Juqueri, desde aqueles tempos.

O senhor Altino Anzelotti iniciou sua fala, mais ou menos como depois também iniciariam suas falas os outros demais conversadores, que “- *Sem falar dele fica muito difícil, porque a cidade virou em torno do Juqueri*”, mas, em seguida, afirmou que, apesar de o comércio ser ainda uma atividade fraca na cidade, um importante comerciante daquela época deixou na cidade suas marcas:

“- (...) É uma novidade pra você o que eu vou falar. Eu tenho como o maior comerciante que passou por Franco da Rocha foi o Cavalheiro Ângelo Sestini. A Linharte aí, era dele. Ele tinha um matadouro. Ele comprava gado, abatia aqui e fornecia à Força pública de São Paulo. Então, daqui de Franco da Rocha pra São Paulo foi muita coisa. Tinha um homem que tinha uma fazenda, Antonio Lenci. Conhecido como Tônico Lenci. Ele tinha dois caminhões, que puxavam lenha a semana inteira, descarregava no pátio da estação. Sábado ou domingo tinha uma... trem... tinha umas quinze gaiolas, mais ou menos, que iam lotadas pra São Paulo.

Então, São Paulo recebeu muito aqui de Franco da Rocha, assim como lenha, leite, carne...”

E logo emendou:

“- Tinha um fornecedor de leite pra São Paulo, Pedro Romero. Onde era a Dow Química agora, era dele. De três horas da manhã saía um caminhão carregado de leite, pra entregar em São Paulo. E de trem ia a lenha do Tônico Lenci, que ele forneceu muito. E o Cavalheiro Ângelo Sestini, ele... - não sei se eu não tô errado - ele tinha uma padaria na Sete de Setembro. Foi a melhor padaria que eu conheci. Ele tocou a padaria muito tempo. Fornecia pão pro Juqueri. E ele deve ter trazido um italiano padeiro - Sanvito - que trabalhou com ele.”

Conforme já havíamos observado, a memória de seo Altino, além de excelente, para uma pessoas da sua idade, tem também o atributo de relacionar fatos a partir de dois critérios - por assunto, mesmo que em tempos diferentes, ou, pelo período temporal, mesmo que os assuntos sejam variados. E nesse momento da conversa não foi diferente:

“- E tem uma história assim, dos meus avós. O meu avô chegou em Franco da Rocha em 1873. Ele veio junto com o primo, que - eu tenho uma ligeira impressão - que quem trouxe ele pra Franco da Rocha foram os ingleses. Porque o primo do meu vô, Justino Anzelotti, ele veio como cabineiro e o meu avô veio como portador.”

Nesse momento seu filho, Winderson, que acompanha a conversa, intervém:

:

“- É que eles não vieram pra substituir mão de obra escrava. Vieram como mão de obra qualificada.”

Para, então, seo Altino continuar:

“- Então, eu tenho uma ligeira impressão - não sei se estou errado - que o irmão mais velho do meu pai e o meu pai, devem ter nascido numa casinha da conserva²² ali. Eles eram ferroviários, eu não sei se algum deles não morou ali.”

“- Então, de Franco da Rocha, São Paulo recebeu muito carvão, lenha transportada com carro de boi, do Mato Dentro e carroça. Descia por aqui, dez, quinze carros de boi e muitas carroças. O Palma²³ mesmo tinha cinco carroças.”

Depois, arremata:

“- O Cavaleiro Ângelo Sestini ele veio... não sei se ele veio com os filhos da Itália pra cá ou nasceram aqui. Ele tinha três filhos e três filhas. Arthur Sestini, Arnaldo Sestini e Armando Sestini. Ele montou a fábrica, ele tinha padaria, Ele tinha um armazém de secos e molhados. Você, vindo do hospital pra entrar na cidade, à

²² Antiga Vila Ferroviária, que havia na cidade, próximo à Estação.

²³ Gentil de Palma, também conhecido como Tino Palma, foi um dos fundadores da Romaria de Bom Jesus de Pirapora em Franco da rocha no ano de 1942.

sua direita era o armazém dele; onde constou a falência dele. Então, ele vendeu o armazém na falência. Eu fui com meu pai e meu pai me comprou um tênis por hum mil réis. Sola grossa. Na primeira topada, saiu a sola.” (Risos)

“- Então, no meu ver, no meu conhecimento, se tiver falha é... foi o maior... o comerciante que mais funcionou em Franco da Rocha.”

“- Da linha pra lá, do rio pra cá era tudo dele. Tinha dois campos de futebol. Naquela várzea do rio. Ali tinha. Eu puxei quinhentos metros de lenha dum sítio que ele tinha.”

Ao ser questionado, em sua resposta, Benedito Coutinho utiliza argumentos que nos levam a entender que, para ele, as características mais marcantes de Franco da Rocha, mesmo com o passar dos anos, permanecem até hoje:

“- Bom, a cidade, eu vejo assim, ela é uma cidade interiorana. Embora a proximidade da Grande São Paulo, que é metropolitana, mas eu, - como você, que é do Pouso Alegre, que é próximo da Vila Ramos - a gente tem um lado muito caipira. Eu gosto desse lado.”

“- Porque Mairiporã que era, vamos dizer, a capital aqui da Comarca de Juqueri, tem muita gente do lado caipira. E a gente que é da Vila Ramos têm esse sotaque também. Adquiriu o sotaque caipira.”

“- Quando eu fui trabalhar em São Paulo a turma notou. Eu trabalhei na CETESB, lá em Pinheiros e os caras sabiam que eu era do interior. É o sotaque que a gente tem de caipira. E a gente não percebe, porque cê conversa com todo mundo aqui, fala tudo igual. Agora, cê vai num mercado diferente, você se destaca.”

“- Então, eu vejo lá os olarias. É uma cultura legal. a gente aprendeu a conhecer os olarias lá de Mairiporã, ali do Rio Abaixo, o Mato Dentro. Eu tive o prazer de conhecer o Alambique do Barbosa, coisa caipira.”

“- Eu vejo que Franco da Rocha tem esse lado interiorano, que não tem ligação com o Hospital. Ela tem vida própria. Tem a coincidência do Juqueri, o Hospital de Alienados aí, que tem uma identificação muito grande com a cidade. As pessoas de fora associam, né. Mas tem muita coisa boa na cidade. Tem muito artista aqui. Não são valorizados à altura como eles merecem. Mas tem muita gente boa aqui, cara!”

Já dona Maria de Lourdes aponta como principais características, as dificuldades de se viver numa cidade quase sem as estruturas básicas:

“- Fora do Juqueri não tinha luz naquela época. Não tinha luz e a gente só ficava ali fora um pouquinho, quando era seis horas, sete horas entrava pra dentro. Televisão não tinha. Cê tinha que assistir no vizinho e, olhe lá, se não se comportasse meus pais não deixavam a gente ir mais. Era muito rigoroso.”

“- Aprendi a ler tudo na marra, mas agradeço até meu pai, né. O vizinho teve muito boa vontade de ensinar, quando entrei na escola já entrei sabendo ler e escrever. Eu estudei no Adamastor Batista. Sempre fui dali. Depois fiz admissão com a dona Zilda, que já faleceu. Daí comecei a trabalhar no Juqueri, aí não estudei mais. Pra não falar que não estudei, eu fiz supletivo.”

“- Mas, quando eu trabalhava no Juqueri, eu ia fazer Auxiliar Técnica, mas a minha chefe não queria que eu saísse, porque ela precisava de mim. Eu era tonta, obedeci. Mas, enfim, né... Vamos ficar que deu tudo certo.”

As características demonstradas por dona Leonice remetem às poucas oportunidades oferecidas à juventude de então pela cidade. Características que, sabemos, guardadas as distinções impostas pelo tempo, permanecem até os dias atuais:

“- A gente foi vendo a cidade crescer. Eu fui vendo criar o cinema, que a gente ia, voltinha na rua, a mocidade toda, as praças. Então, a gente foi vendo a cidade crescer assim. Então, tudo era novidade pra gente o cinema, porque não tinha. Aí a gente conheceu o São João, o Marajá e o da Vila Ramos também. Porque aqui era a única distração que a gente tinha, né.”

“- Tinha as amigas aqui e a gente ia no cinema aqui, ficava na rua conversando, naquele tempo podia, né.”

“- Cheguei a brincar carnaval aqui, no Corinthinha²⁴ também. Lá no Centro, não ia muito, porque a gente era muito presa, sabe. Uma única vez só que eu fui, na Estação antiga tinha um armazém grande. Lá, às vezes, também a gente ia.”

²⁴ Sport clube Corinthians de Franco da Rocha, fundado em 03 de janeiro de 1953

“- E, depois, quando inaugurou o Flamengo²⁵ aqui, onde é aquela loja de ferragem agora, aquela fábrica na subida, aí a gente ia nos bailes. Ali tudo bem, era perto, o pai e a mãe ia junto, sentava na cadeirinha lá e ficava, né.” (risos)

“- Então, aí sim, dancei muito, gostava muito do baile. às vezes, depois ia pra Caieiras, que a gente tinha uma amiga lá. Nos bailes do Nobre, um clube dentro da fábrica. Cê pegava a maquininha pra chegar lá. E aí era assim a vidinha. Depois, no Paulo Rogério²⁶, a gente ia no Carnaval. Então, depois que eu casei, acabou, porque o marido num... já era de outro pensamento. Não gostava.”

Muitas das memórias que dona Valdelice tem da cidade estão relacionadas também com seu trabalho, muito provavelmente pelo fato de ter vindo para a cidade já casada e com filhos para criar:

“- Eu lembro da cidade quando era antiga. Aquele mercadinho da japonesa²⁷, era na esquina, a gente fazia compra ali. Aquele loja também da Niken, que era uma loja de antigamente, que praticamente vendia de tudo.”

“- Eu lembro de quando eu trabalhava na prefeitura, as formaturas na Sete de Setembro, eram muito bacanas. Era uma cidade alegre, agora não sei, agora tá triste. Não tem mais aquela animação, aquela coisa. Carnaval eu não falo nada porque eu não gosto, mas trabalhei muito no Carnaval. Trabalhava. Nossa, quando era época de Carnaval, a gente ficava lá no Paulo Rogério. Meu Deus do céu! Eu não queria nem... mas como a gente era funcionária, tinha que trabalhar. Ficava de vigilância, olhando quem entrava e quem saía do banheiro, pra não ter bagunça. Tinha outras pessoas que trabalhavam, não lembro quais eram. Mas uma delas era eu.”

“- A outra coisa que eu recordo é o dia 7 de setembro, que era uma festa muito bonita. Não existe mais. Eu até trabalhava, fazia lanche pros meninos da banda. Concurso de bandas também não tem mais. Nem me lembro mais quando foi o último. No 7 de setembro era tão bonito, desfilava pela Hamilton Prado aquelas escolas. Hoje acabou tudo.”

²⁵ Esporte Clube Flamengo, fundado no bairro da Vila Ramos em 12 de junho de 1948.

²⁶ Ginásio de Esportes Paulo Rogério Seixas

²⁷ Hoje Supermercado Saito.

“- E os Jogos Regionais também era bom demais. Todo ano me escalavam pra trabalhar. E a gente trabalhava, viu! Misericórdia! Eram muitas cidades do Interior que a gente ia. E era muito gostoso. Disso eu me recordo muito. Como eu gostava de viajar! A gente ficava de oito a dez dias, dependendo do time. Se tivesse ganhando, ficava até o final. Mas, se começasse a perder, aí arrumava as malas. A gente cuidava de todos os atletas da cidade. E era comida, viu!”

II.IV - Das histórias da cidade onde o Juqueri não está presente

No decorrer das conversas, quisemos saber se seria possível se contar histórias de Franco da Rocha, sem que o Juqueri fizesse parte delas.

Mesmo tendo, durante toda nossa conversa até ali, nos apresentado histórias desse viés, Seo Altino não deixou de nos contar mais algumas reminiscências de sua infância:

“- O meu avô tinha um ford 29 de praça e o Chinin, meu tio, andava de calça curta, foi trabalhar na visita do hospital e, quando foi duas horas da tarde, o Chinin chegou, o meu vô era um italiano, sentado no guard-rail dele, na porta, ele tinha restaurante e o bar; o Chinin chegou com uma jaqueta, tirando dinheiro, contou trezentos e quinze mil réis, ‘- Porca la madona! Como se ganha dinheiro nesta terra!’”

Depois, seguiu trazendo curiosidades sobre um certo carnaval, onde antigos personagens francorrochenses estiveram presentes:

“- Se eu não me engano, foi em 38. O Brandino Bueno era acompanhante, o Chico Grecco com uma espingarda nas costas, eu, menino; o Bibi, menino, o Nelson Grecco, menino; Elvira Grecco, mocinha. Acompanhando tinha um tablado que o Estado fez, na Sete de Setembro, ali na esquina, pra fazer o Carnaval. E o meu pai mandou fazer o esqueleto de uma vaca, de bambu com um buraco no meio, enfiado pela cabeça nele, como um ponche, andando lá também. O doutor Ralph era engenheiro do hospital, meu pai enfiou a cabeça da vaca no palanque.”

Depois lembrou-se de acontecimentos marcantes da época dos seus 18 anos de idade:

“- No dia que acabou a guerra, em 45, eu fui no lenheiro, com a minha irmã Odete, que já é falecida. Os caras que eram recebedores da lenha - que eu puxei pro Cavalheiro Ângelo Sestini - já não era pra ele mais, eram os filhos que tomavam conta. Eu puxei 500 metros de lenha de lá. O Palmiro Gaborim perguntou pra mim ‘- E lá, como é que tá de lenha?’, eu falei ‘- Deve dar uns dois metros com aqueles

montinhos'; - que quando completava a carga da carroça, que era quatro metros, o que sobrou ia ficando - '- Então, eu preciso juntar isso daí. E tem muita estaca', que cortaram a lenha... '- Fica pra você', ele falou. E minha mãe fazia pastel, pra vender pros bares. Pra fornecer aos bares. Eu trouxe. Quando eu cheguei no açougue lá, que desce pra Vila Ramos, ouvimos fogos de artifício, fogos pra tudo quanto é canto. Eu falei pra minha irmã '- Alguém ganhou na loteria'. Quando eu cheguei, minha mãe estava sentada numa escadinha que tinha ali, chorando, '- Meu filho, acabou a guerra.'"

"- Aí, o motorista de praça, Arcângelo Russiano, era pai do Bira, meio chutado, encheu de gente e foi na Melhoramentos xingar os alemão. E eu fui junto, '- Aê, cambada de nazista, picareta! Sai na porta pra falar! Sai na porta!'; provocando os alemão (sic)."

"- Descemos, tinha um trezinho, que vinha do Monjolinho, quase que pega o caminhão cheio de gente. O Arcângelo estava meio bêbado, meio chumbado."

Então, seo Altino nos contou ainda mais um causo. Esse, começava antes de ter nascido e finalizava quando era já 'chofer de praça':

"- Meu avô era tropeiro e, moço, e ele vinha de São Paulo. Ele ia em São Paulo descarregar nos mercados, descarregava a tropa. E em volta do mercado, em São Paulo, tinha quatro, cinco ou mais casinhas de quatro águas, que era pro tropeiro descansar. E o meu vô descansava. Só que o meu vô era moço e acho que tava namorando, qualquer coisa assim, e montava no cavalo dele e vinha na frente da tropa, era o primeiro. Um dia um tropeiro velho chamou ele e falou '- Ô, Mariano, não vá na frente, vá no meio. A onça come o primeiro e o último'. Muitos anos mais tarde, na Serra da Cantareira, um dia eu fui levar um passageiro de Mairiporã pro meio do caminho entre Mairiporã e São Paulo. Ali tinha um Curador que a polícia não dava folga. Ele não podia atender, chegar o carro na casa dele que a polícia dava em cima. E eu fui, passei com meu carro pra frente, Tucuruvi. No começo da serra lá, tô espanando meu carro, limpando, que eu era táxi. Parou um caminhão, desceu um cara com a bicicleta. Aí quando ele passou o pneu eu falei "- O que aconteceu com você?", "- A onça me deu uns quatro pega ali, aí o caminhão me pegou".

Das histórias da cidade, Dito Coutinho também não tem dificuldades de lembrar. Percebemos que para ele o maior problema é, sem dúvida, escolher quais nos contar:

“- Franco da Rocha é um celeiro de histórias. O que tem de histórias!? Tanto é que eu fiz o livro “Histórias pra dedéu” todo baseado nos personagens da cidade. E faltou muita coisa aí. Por exemplo, uma história que não está no livro, eu publiquei há poucos dias no facebook uma história que aconteceu com um ex-prefeito da cidade, eu não mencionei nome, ele autorizou, mas eu não pus porque... Então eu deixei o nome dele no anonimato. Mas ele mesmo contou a história pra mim e é muito hilariante. E como ele é um cara muito inteligente, ele deixou pra lá, nem falou pra mulher que ele era o prefeito. E foi muito engraçado. Faltou. Eu esqueci de colocar essa história no livro. Eu tenho ideia de fazer outro livro, mas eu tenho que coletar bastante histórias, porque essa história mereceria estar aí, é muito engraçada, muito legal.”

“- Têm pessoas na cidade que não são pessoas, são personagens. O Ranulfo, por exemplo. Aí no livro tem muita história do Ranulfo. Cada vez que eu vou falar do livro e ele tá perto, ele olha pra mim como quem diz: ‘- Eu sou um personagem’. E ele é dum astral, rapaz, que até emociona a gente. Ele não leva a mal nada. Tem até uma foto aí, da peça ‘Os loucos vêm de fora’”. Eu tava me iniciando musicalmente e é como eu falei pra você, eu ia atrás dos mais velhos, pra aprender com os caras, né. O Dito Hernandez, na época, sabia que eu tocava, então, ele me levou pra fazer parte do grupo da peça teatral. Eu ia fazer parte dos músicos que iam dar o fundo musical. E o Ranulfo ia cantar. Eram as músicas dele. Eu não conhecia o Ranulfo. Eu fui lá e ensaiei tudo com eles lá, pra tocar. Chegou o dia, eu era muito inseguro, muito tímido. Eu amarelei, é o termo exato. Quando eu vi aquele monte de gente pra assistir lá, eu falei: ‘- Eu não vou ter coragem de enfrentar essa turma aí, não’. E eu não entrei no palco, cara! Então, o que aconteceu? Sobrou pro Ranulfo pegar o que eu ia fazer e fazer na guitarra. Na foto tá até ele tocando lá. Mesmo assim, ele não guardou mágoa. Porque sobrou um rojão pra ele. Ele não tava preparado pra ele tocar e cantar. Ele só ia cantar. Eu ia acompanhar ele. E eu, moleque, tinha uns quinze anos na época, tinha medo de tudo, inseguro. Eu, quando vi aquele povão lá, não fui. e o Ranulfo não guardou

mágoa de mim, nada. Deixei ele numa situação, vamos dizer, perigosa. Mas ele tirou de letra.”

E resolve, então, nos contar mais uma história:

“- Tem bastante história. Mas eu vou escolher uma, que eu acho que muita gente não sabe da história da Cruz do Raul. Fiquei sabendo pelo professor José Parada. Isso foi lá em mil, novecentos e... começo do século. O Juqueri naquele tempo tinha um portão que dividia a cidade, do hospital. Tinha uma portaria, ali onde é o Café Carlito hoje. Ali era um portão gigante que dividia a cidade. Dali pra lá era o Juqueri e de lá pra cá era a cidade. Então, esse portão funcionava assim: às seis horas da manhã abria e às seis horas da tarde, fechava. Eram doze horas aberto. Quem tava pro lado de lá não passava pro outro lado. E existia um funcionário do Juqueri, o Raul, que estava montando um bar, naquele morro onde ganhou o nome Cruz do Raul. Ele estava montando um barzinho ali. E naquele tempo, a locomoção do pessoal era a cavalo. Era muito comum charrete, cavalo. Carro eram poucas as pessoas que tinham, no começo do século. E o Raul ali montando o bar, já era tardezinha e ele não se deu conta que tava chegando seis horas da tarde. Quando ele viu, ele percebeu, falou: ‘- Nossa, tá em cima da hora!’. E ele morava num quartinho dentro do hospital. Naquele tempo tinha essa facilidade, o hospital permitia ao funcionário ter um espaço lá dentro para morar e reduzir custos. Então, ele ficou apavorado e pensou: ‘- Se eu ficar pra fora vou ter que dormir aqui na rua’. Então, diz a história que ele ficou apavorado, fechou rapidamente o bar, montou no seu cavalo, e já tava noitinha, escuro. E ele, ao invés de descer pela estrada normal que ia passar pelo Centro da cidade, para encurtar o caminho, ele quis descer por uma trilha que existia no morro e ia dar lá já por dentro do hospital. Foi aí que, ele descendo no escuro, o cavalo tropeçou e ele caiu lá de cima com o cavalo, lá em baixo. E ele faleceu na queda. Foi daí que fizeram a homenagem pra ele lá no alto do morro Cruz do Raul. Então, essa é uma história que eu acho que vale ser lembrada. E tá como crônica no livro.

Em sua vez, dona Lourdes, que começa nos dizendo não conhecer história alguma da cidade, acaba por nos contar algumas:

“- De histórias assim, eu não fiquei sabendo. A gente não saía de casa. Meus pais eram muito rígidos. Não podia pintar unha, não podia por calça comprida. Não podia se arrumar como a gente se arruma agora. Então...”

“- Meu pai tinha uma banda, ele tocava numa banda. Meu pai tocava violão e tinha o grupo dele. Só que ele ia no baile e não deixava a gente ir. A turma da música conhece meu pai. Era Godofredo dos Santos. O irmão dele, Aparício, também tinha uma banda. Depois meu pai veio tocar na Vila Ramos. Fez um conjunto aqui também. Mas nós não podíamos ir no baile, não. Que ele achava que o que ele via lá, nós ia fazer igual. Mas também... ‘-Faça o que eu mando, mas não faça o que eu faço!’. É... meu pai era danado!”

“- Eles se reuniam aqui mesmo na Vila Ramos ou saía fora, não saía muito longe. E ia também pra fora de Franco e o conjunto dele ia junto. A maioria do povo aqui da Vila Ramos aprendeu a tocar violão com ele. Ele era bem rígido. Daqueles que tinha que fazer o que ele mandava. Meu tempo não foi fácil, não. Hoje que eu digo pra você que eu vivo.”

“- E tem as histórias das enchentes. Acho que são as que mais tem na cidade. (Risos) A pior foi a de 87. Nesse ano, eu trabalhava no Juqueri, tive que ficar lá quase uma semana, que a água não baixava. Cobriu a Delegacia, cobriu tudo. Cê não via nada, só água. Horrível! Veio uma chuva assim de vento, a gente agarrava nas pacientes, pra socorrer elas, que vidro voava, assim ó. Cê não sabia se você rezava ou acudia às pacientes desse temporal que deu em 87. Se voltar agora um temporal que deu em 87, vou te contar.”

E também dona Nice, principia nos contando as histórias sobre duas das mais graves enchentes sofridas pela cidade, com pitadas de política:

“- História da cidade? A enchente, aquela de 87. Porque o resto era coisa boa, era você passear, trabalhar e criar seus filhos... essas coisas. Aquilo marcou muito. Aquilo foi muito triste, porque teve perda de vidas, foi muito feio. Como agora

também²⁸, mas agora não chegou a tanto. Lá foi muito pior, porque, essas enchentes que eu falei pra você que eu conheço desde que eu entrei na fábrica, eram coisas assim que você entrava com a água na canela e não era mais que isso. E o escritório, você entrava pela fábrica e subia umas escadas, que o escritório era em cima. As janelas que davam de frente pra estação, ali era tudo escritório. Imagine que altura era. Em 87, entrou água por aquelas janelas. No escritório nunca, nunca entrou água. E olha que tinha, eu acho, uns cinco degraus do piso da entrada, pra você entrar no escritório. Imagine que a água subiu tudo aquilo e chegou na janela, cobriu as máquinas. A minha gaveta. Na minha mesa, na última gaveta, eu tinha talão de cheque, porque eu trabalhava com contas a pagar. A água pegou tudo. Era só lama. Ainda bem que o cofrinho de dinheiro a gente punha num cofre grande, que tinha aquelas portas, que nem de banco. Depois de, mais ou menos, uns cinco dias que a gente conseguiu entrar, pra começar a limpeza. Não tinha o que fazer. Você pegava carpete do chão e jogava tudo pela janela, jogava fora. Não teve o que fazer. Foi a pior coisa que aconteceu por aqui. eu me lembro que nessa época também o pai do Toninho, nosso amigo, morreu. Entrou água na casa e ele não conseguiu sair. Foi muito marcante. Foi a pior coisa que aconteceu por aqui. Choveu e encheu durante a noite. A gente não tava na fábrica.”

“- Numa outra vez; mas não foi que nem essa de 87; a água chegou nos primeiros degraus da entradinha. Nós chegamos a sair de lá com o bombeiro. O bombeiro pôs uma corda lá na Niken, aí o bombeiro ia segurando a gente e a gente na corda, pra poder sair. Então, esse tipo de coisa marcou muito.”

“- A cidade progrediu. A única desvantagem é a enchente. Porque a cidade cresceu desordenadamente. Aquele centro, por exemplo. Outro dia eu até comentei outro dia com meu filho; você olhando o centro da cidade assim de cima, parece a boca de um vulcão extinto. Porque é morro pra todo lado e aquilo é um buraco. É o que eu falei pra você, enquanto tinha o campo do Expedicionários era terra, ficava uma lama danada. Mas chovia e a água tinha vazão rapidinho. Mas depois, a Hamilton Prado, por exemplo, é loja de uma lado, é loja do outro, então... Foi represando. Por que ali é um charco, todo aquele pedaço. Eu, quando me aposentei

²⁸ Menção à enchente sofrida pela cidade em janeiro de 2022.

da fábrica, fui trabalhar com a Mariza Misson na loja dela. E a loja tinha uma entrada pela Azevedo e outra pela Sete de Setembro. Teve um dia, choveu e ele precisou abaixar as portas, porque ia entrar água dentro da loja e o que vinha de água daquele morro era impressionante. E pra onde vai aquela água?”

“-Fora as coisas de política, de assassinatos que houve. Política era um negócio muito feio por aqui. Aquele tempo era na bala. é coisa assim, que naquele tempo, Franco da Rocha era desse tamanho, então não tem muita coisa pra contar que a gente viveu.”

Depois, termina nos brindando com duas pequenas mas saborosíssimas narrativas:

“- Às vezes a gente ia pra SP de carro e a placa do carro era Franco da Rocha. Uma vez, eu sentada na frente, com meu marido e um cara no ônibus, no último banco ficava apontando e falando por gestos “- Ó vocês, ó, tudo louco!”. Daí eu fiz um sinal daqueles bem bonito, assim com a mão pra ele do carro. E a gente dava risada.”

“- No tempo que eu era moça, tinha lá meu 16, 17 anos, foi logo que eu entrei na fábrica, a gente começa a pegar amizade... O trem, era o trem de madeira. Então, tinha o carro de primeira e o carro de segunda. N carro de primeira, o estofamento era de palha, uma palhinha amarela e atrás era encapado com um pano branco de linho pra você encostar a cabeça. O vagão de segunda, era madeira. Cê sentava no banco de madeira e ia embora. E a vergonha de ir no de segunda!? Quando eu viajava com minha mãe e meu pai, que a gente ia pra Jundiaí, eles compravam de primeira. Se pagasse pelo de segunda e entrasse no de primeira, o guarda vinha picando as passagens e você tinha que pagar a diferença. E aí o que acontecia? A gente, aos sábados, costumava ir ao cinema em SP. Juntava as meninas do escritório para ir ao cinema. A gente pegava o trem de 1h30. Esse era o trem das granfinada. 1h30. A gente ia no meio dos grã-finos. Mas você tinha que embarcar de saia, camisa, meia fina, sapato Luiz XV, bolsa e luvas. Era assim que tinha que embarcar nesse trem. E quando chegava em SP, o pé doía mais que tudo. Homem, de terno e gravata. Cê não via ninguém de calça jeans.

Mas, nunca! Você ia assim, com a bolsa pendurada e as luvas aqui nas mãos, sabe... e toda chique! Toda cheia de frescote, pra ir pra São Paulo.”

E dona Val também traz consigo a lembrança daquela triste história:

“- Eu me lembro de uma enchente que deu aqui em Franco, que eles abrigaram gente até lá no Garôa²⁹. Foi em 87. Eu trabalhei muito também nessa parte de fazer comida pra turma dos desabrigados. E no Centro Comunitário também. Nossa, uma tragédia muito triste. Até me lembro que o prefeito da época deu terreno, acho que lá no Monte Verde, pro pessoal construir.

²⁹ Grêmio Desportivo Garoa, fundado em 4 de fevereiro de 1978.

II.V - Do o futuro da cidade sem o Juqueri

Para finalizar cada um dos encontros, relatamos aos interlocutores o fato de a ala de Internação Psiquiátrica do Complexo Juqueri ter encerrado suas atividades em 2021. Então, procuramos saber deles, como projetam o futuro de Franco da Rocha sem o Juqueri.

Seo Altino começa dando seu parecer sobre tal situação, porém, não se contém e acaba nos contando mais duas histórias, porém, embora tendo como pano de fundo a política, traz o Juqueri como cenário:

“- A cidade tá vivendo de pequeno comércio, eu acredito que muita gente com a situação definida financeiramente. O Juqueri fez falta pelos empregos; ele empregava muita gente; mas do resto não notei diferença nenhuma.”

“- O Juqueri, por um tempo, foi tocado como ditadura. Tinha um pessoal na administração, Adhemar de Barros como Governador. Se não votasse no PSP... Foi muita gente transferida, Borghi, Zé Ferreira, Wilson Garbelini, foram tudo transferidos, porque eram contra a administração.”

“- Eu tenho uma história, que eu não vi, eu li a história. Você, subindo pra ir pro hospital, você sai da avenida, entra numa subida. Ali tinha um pavilhão chamado Quarto Pavilhão. E um médico que respondia por aquele pavilhão não aceitou que pusessem muro. Deixou grade. Tela. Era um pavilhão de mulheres. E as mulheres, sentadas num banco era curioso, passava gente e olhava, elas também olhavam. Afundou um navio em Santos, na chegada de Santos. Morreu gente e faltou muita gente. Então, teve família que procurou daqui, dali, num achou. Passou. Veio uma visita, que foi visitar na Primeira Colônia, lá em cima e passou por esse pavilhão que tinha tela. Olhou lá, viu uma mulher, chegou em São Paulo, falou pra família dessa mulher. O que aconteceu? Ela sumiu lá no navio. Quando afundou o navio e ninguém achou mais ela. A mulher foi lá, a família veio lá no pavilhão. Era a mulher que tinha sumido no navio. Aquela visita que passou, viu e conheceu ela.”

E pra terminar nosso encontro, encerra o bate-papo com uma simpática inquietação: *“- Agradou?”*

Dito Coutinho, ao ser indagado sobre o futuro da cidade sem a presença do Juqueri foi quem deu a resposta que para nós causou a maior estranheza:

“- Pra eu que sou da turma do passado, eu vou sentir muita falta. Eu acho que vai ficar triste. Essa ligação que a gente tem com o Juqueri é muito forte. O Juqueri é muito importante na história da cidade de Franco da Rocha. A gente cresceu aqui tendo contato com o hospital. Ultimamente na parte da saúde a gente que não tem convênio médico, se socorria muito ali. De uma certa forma, o Juqueri atendia a gente. Tanto na parte de saúde como na parte de emprego. Era um local que fornecia trabalho pra maioria das pessoas que residem aqui. Então, a gente vai sentir muita falta do Juqueri. Já estamos sentindo. Eu fiquei muito triste com essa notícia de que o Juqueri parou as atividades.”

E, pra finalizar, voltou a falar um pouco de como vê a cidade que tanto ama:

“- Franco da Rocha, eu vejo assim, um lugar apazível, a nossa cidadezinha. Eu sinto saudade da época que era um ambiente bucólico, romântico. E eu vejo que algumas pessoas que vieram pra cá, não entenderam o sentido da nossa cidade, que é humanitária. E a gente fica um pouco triste com isso, que as pessoas não dão o valor devido para nossa cidade. Eu acho que tinha que ter mais uma lembrança do que ela representa no contexto até da Grande São Paulo. Que ela é Metropolitana. Mas eu ainda estou vendo a cidade interiorana. Na minha concepção a cidade ainda continua, apesar de ela estar bem próxima do Centro. Ela cresceu de forma desordenada. Não houve planejamento. Infelizmente o interesse imobiliário atrapalhou a cidade.”

Já as palavras de dona Lourdes têm um conteúdo que nos dão a entender que o Juqueri continuará, se não na cidade, nos seus cidadãos:

“- Vai continuar o preconceito de quem mora em Franco da Rocha é louco. Apesar de que os pacientes que eu cuidava fossem todos de fora. Daqui eram bem poucos. A maioria era de fora. Mas eu não ligava pra esses comentários, não, sabe. “- Ah, você é de Franco da Rocha, então você é louca”. Eu falava “- Sou sim. Cuidado comigo”. Você não podia levar a sério, não. Apesar que, trabalhando com pessoas

débeis mentais, você tem que ser louca igual elas. Senão você não cuida. Eu arremedava os pacientes, brincava de roda. Você tem de entrar na loucura, senão você não dá conta. o mês de agosto era o pior mês dentro do juquery, porque as pacientes ficavam todas agitadas. Mas eu fui muito feliz trabalhando ali.

E dona Nice nem chega a terminar sua resposta, deixando no ar uma impressão de que as histórias do Juqueri, essas continuarão alimentando a cidade:

“- O povo vivia em torno disso. Minha família toda sobrevivia do Juqueri. A gente que cresceu aqui, viveu mais dentro do Juqueri que fora dele. Pensando bem, sustentou muita família. Quanta gente trabalhava aí dentro? ...”

De todas as respostas a essa nossa última pergunta, a de dona Val foi a que se mostrou a mais empolgada com o futuro da cidade e, talvez por isso, foi a que mais se prolongou:

“- Eu acho que a cidade vai ser um pouco mais calma. Porque, naquela época que eu vim, a gente como morador tinha até medo quando via uma pessoa do Juqueri solta. A gente tinha medo. Porque eles tinham liberdade de sair. E agora não, como não tem mais, a gente não tem aquele receio. Eu acho, então, que a cidade tá mais calma.”

“- A cidade tá muito mais bonita. Antigamente... não tem nem comparação. Pelo amor de Deus! Olha, só de você ver essa estação nova, parece coisa de outro mundo. Tem gente que não gostou. Imagine, ia ficar aquela estação velha ali. Tem que mudar a cidade, tem que mudar pra melhor. Cê viu que, depois da estação, eles fizeram aqueles terminais de ônibus. Nossa, tá outra coisa.”

“- Sem contar que antigamente, teve muita gente que foi embora daqui por causa do falatório. Que aqui só tinha louco, só tinha gente louca. Muita gente mudou daqui por causa disso.”

“- A cidade era parada. Agora não, agora tá muito movimentada, tem lojas e mais lojas. Eu mesmo não saio daqui pra ir no Brás de jeito nenhum. Então, eu acho que a cidade tá muito mudada e pra melhor.”

Foi interessante constatar o modo com que cada pergunta afetou cada um dos interlocutores e como tais afetações provocaram o desenrolar das recordações de modos específicos e, conseqüentemente, as respostas de cada interlocutor, de acordo com as emoções que tais memórias suscitaram.

III - Narrativas Artísticas

Nesta terceira parte, vamos apresentar o resultado artístico criado a partir da seleção de algumas dentre as muitas histórias que pudemos ouvir de nossos interlocutores.

Muitas foram as histórias que pudemos ouvir nesses cinco encontros, porém, as diversas circunstâncias da vida não nos possibilitaram debruçar sobre cada uma delas e dar-lhes um sopro de vida artístico, qual devir carregam. Isso levaria mais tempo, ou melhor, levará mais tempo, pois não pretendemos que este trabalho se encerre aqui. Sentimos nele o potencial de um caminhar mais longamente. E queremos percorrer esse caminho..

Aqui serão apresentadas cinco narrativas poéticas, duas em formato de crônica narrativa e três como poesia de cordel, todas elas inspiradas nos cinco encontros que tivemos com essas generosas pessoas, há muito vivendo nesta, desta e para esta cidade, retratada em cada uma dessas histórias.

III.I - Crônica narrativa

Conforme a descrição de Ana Maria Azevedo, no portal Educa Mais Brasil,

“A crônica narrativa é um estilo de texto bem flexível que descreve ou narra um fato cotidiano, ação de um personagem ou um determinado acontecimento de forma leve, simples e direta, seguindo uma linha de tempo lógica.

O discurso direto e a reprodução de falas são características presentes neste estilo de crônica, que também é classificado como texto narrativo, texto dissertativo, argumentativo ou texto descritivo. Geralmente, as crônicas são publicadas em colunas de jornais, revistas e também em livros.

A liberdade do autor é outro aspecto presente nas crônicas narrativas. O escritor tem o papel de observar e analisar uma determinada cena e descrevê-la de acordo com a sua visão crítica e opinião.

É comum que os autores façam o uso do humor para descrever determinados acontecimentos, fazendo com que o leitor se envolva, se interesse, se divirta e se entretenha com o texto.” (AZEVEDO, A., 2020)

III.II - Depois da guerra

A partir de relatos do senhor Altino Anzelotti.

O ano era 1945 e Altino tinha 18 anos de idade. Depois de puxar mais de 500 metros de lenha para uma das empresas do Cavalheiro Ângelo Sestini, já nessa época administradas pelos filhos, o carroceiro seguia estrada abaixo acompanhado de sua irmã Odete. Com meia carroça carregada de pequenos tocos de madeira, doados pelo recebedor Palmiro Gaborim, vinha agradecido, sabedor de que com aquela carga ajudaria sua mãe, fornecedora de pastéis para os bares da cidade. Chegando no alto do morro, próximo ao açougue, ouve fogos de artifício - fogos de tudo quanto é lado. “- *Parece que alguém ganhou na loteria*”, comenta com a irmã. Minutos depois, ao chegar em casa, encontra a mãe sentada numa escadinha que ali havia, chorando. Preocupado, quis saber o motivo. E a mãe, com olhos marejados, noticia: “- Meu filho, acabou a guerra”. O ano era 1945.

Instantes depois, o motorista de praça Arcângelo Russiano, acompanhado por outros tantos rapazes, segue até a empresa Melhoramentos para provocar e insultar os alemães. Na volta, o caminhão cheio de gente quase é atingido pelo trenzinho da fábrica, que descia do Monjolinho. “- É que o Arcângelo tava meio chumbado”, diria seo Altino, um ex-carroceiro, décadas depois.

III.III - O Cabo Altino

A partir do relato do senhor Altino Anzelotti.

Nos anos trinta do século passado, chegou para cuidar da Delegacia de Estação Juqueri um cabo da Polícia chamado Altino.

Nesse tempo, a Sete de Setembro, além de ser a rua da Delegacia, era também o lugar onde a meninada jogava futebol; o time de cima contra o time de baixo. E o cabo Altino, sem ter muito com que se preocupar, ficava sentado à porta da delegacia, observando a molecada jogar. Se apontava um carro ele apitava, o jogo parava, ele tirava a molecada da rua e gritava ao motorista, “- Pode ir embora!”. Depois o jogo seguia. E toda vez e sempre, quando faltavam quinze ou dez minutos para terminar o jogo, cabo Altino tirava do jogo os meninos menores de cada time e orientava: “- Agora é do ‘imbigo’ pra cima. Pode chutar! Pode chutar!”.

Cabo Altino cuidava dos meninos.

Numa certa feita, morreu um funcionário da “Fazenda dos Pereira”. Amarrou uma corda no pescoço e se pendurou. O corpo foi levado para a Delegacia, para depois ser encaminhado ao Instituto Médico Legal, em São Paulo.

A meninada curiosa que ali jogava bola, queria, então, ver o defunto.

Também nessa época Cabo Altino, como policial local, tinha por obrigação acompanhar o desembarque e o embarque de passageiros nos horários do trem. E como a molecada continuava lá, “- Deixa ver, deixa ver!”, Cabo Altino falou: “- Quem quer ver o homem, entra aqui depressa”. Num instante, oito ou dez moleques entraram na sala onde se encontrava o defunto. E ali ficaram, trancados, apavorados, até Cabo Altino retornar, quase já no anoitecer.

Cabo Altino, realmente, dava aula pra molecada.

III.IV - Cordel

Conforme publicado no portal de notícias do IPHAN,

“A literatura de cordel é um gênero poético que resultou da conexão entre as tradições orais e escritas presentes na formação social brasileira e carrega vínculos com as culturas africana, indígena e europeia e árabe. Trata-se de um fenômeno cultural vinculado às narrativas orais (contos e histórias de origem africana, indígena e europeia), à poesia (cantada e declamada) e à adaptação para a poesia dos romances em prosa trazidos pelos colonizadores portugueses. Os poetas brasileiros no século XIX conectaram todas essas influências e difundiram um modo particular de fazer poesia que se transformou numa das formas de expressão mais importantes do Brasil.

O cordel se inseriu na cultura brasileira em fins do século XIX, forjado como a variação escrita da poesia musicada por duplas de cantadores de viola, de improviso, conhecida como *repente*. A expressão literatura de cordel não se refere num sentido estrito a um gênero literário específico, mas ao modo como os livros eram expostos ao público. No entanto, cada vez mais essa expressão foi sendo associada a um conjunto de edições de baixo custo, adaptações de textos provenientes das mais diversas fontes (obras até então manuscritas, narrativas orais, peças de teatro cômico) destinadas a um número cada vez maior de leitores pouco familiarizados com a escrita e, por esse motivo, diversos procedimentos editoriais foram introduzidos a fim de tornar a leitura mais fácil: diminuição do tamanho da obra ao *enxugar* o livro por meio do emprego de textos curtos, uso de papel de baixa qualidade e redução dos preços.

Os poetas costumam definir a literatura de cordel como um gênero literário que obrigatoriamente possui três elementos: métrica, rima e oração. Esses três elementos da poética do cordel constituem os fundamentos que precisam ser apropriados por quem deseja produzir um cordel. Ao compor um cordel com métrica, rima e oração, o poeta aciona os resultados de um longo aprendizado, de uma formação que não se obtém na escola, mas a partir do convívio com outros poetas, ou seja, a partir uma tradição coletiva que se transmitiu ao longo de gerações.” (IPHAN, 2018)

III.V - O carteiro Abraão

cordel criado a partir do relato do senhor Altino Anzelotti

o governo da comarca
contratou o Abraão
pra ele ser o correio
de toda esta região
desde a sede central
até cá no hospital
e arredores da estação

bem mais de vinte quilômetros
era a distância total
da Juqueri que era a sede
pra Juqueri distrital
e pra sua condução
cederam ao Abraão
o cavalo Menelau

fosse chuva, fosse sol
o correio funcionava
não havia extravio
entrega num atrasava
o que fosse encomendado
logo após ser carimbado
o Abraão entregava

ia e vinha o carteiro
galopando pela estrada
carregando na garupa
a capanga bem pesada
com cartas e documentos
prescrições e aviamentos
em cadência ritmada

porém, não demorou muito
até o homem cismar
que perdia muito tempo
pro cavalo ele encilhar
e teimou que ganharia
esse tempo que perdia
se passasse a caminhar

declinou, então, da oferta
devolveu o Menelau
e passou a percorrer
essa distância infernal
com a sacola pesada
logo cedo, pé na estrada
com afinco sem igual

e era todo santo dia
com firmeza contundente
partindo com a alvorada
retornando no poente
sem nunca esmorecer
pois tinha orgulho de ser
o elo entre tanta gente

devoto de são cristóvão
com alegria de menino
caminhando pela estrada
sem nunca perder o tino
com apreço e muita prenda
logo, então, virou uma lenda
o carteiro peregrino

III.VI - Sobre um acontecido em uma só das muitas dessas nossas enchentes

Cordel criado a partir dos relatos de dona Maria de Lourdes Santos de Oliveira,
dona Leonice Aparecida Marques Savazoni,
dona Valdelice Monteiro de Oliveira
e, sobretudo, da história contada por Benedito Nivaldo Coutinho de Abreu, mas que
não entrou em seu livro.

naquele dia a cidade
amanheceu inundada
duma chuva incessante
que varou a madrugada
e uma baita dum enchente
deixou toda a nossa gente
muito triste e revoltada

já não era novidade
aquela situação
todo ano a mesma coisa
com as chuvas de verão
o povo todo sabia
que mais dia, menos dia
viria uma inundação

só que aquela, pelo menos
não foi como oitenta e sete
dum dilúvio que caiu
que virou até manchete
com Franco, sobrevoada
pra filmar a enxurrada
parecendo uma maquete

quase tudo embaixo d'água
foi uma calamidade
tanta vida destruída
que até as autoridades
perderam o tino e a rédea
pois foi a pior tragédia
que acometeu a cidade

já essa outra foi mais branda
comparada com aquela
pouca coisa se perdeu
quase nem deixou sequelas
a não ser um acontecido
que jamais foi esquecido
vou contar, não é balela

foi meados dum dezembro
o ano..., não vou lembrar
com a água, em muitas ruas
demorando pra baixar
e o povo num escangalho
indo e vindo do trabalho
e querendo atravessar

com o decorrer do dia
tudo iá normalizando
o sol quase aparecendo
o comércio funcionando
fora aquele lamaçal
tudo já quase normal
com os trens já circulando

a coisa só tava feia
lá na Expedicionários
com o prefeito ajudando
e muitos dos funcionários
com água pela cintura
trabalhando sem frescura
pra escoar aquele aquário

e foi logo dando ordem
para vir um caminhão
pra transportar as pessoas
que tivessem precisão
de atravessar a avenida
pra poder tocar a vida
lá pros lados da estação

era um sábado à tarde
e como já é notório
é o dia preferido
pra marcação de casório
sendo assim, pra muita gente
mesmo com a triste enchente
era um dia encantatório

por isso, naquela hora
tinha muito movimento
lá no largo da igreja
por conta dos casamentos
e os convivas de então
chegando de caminhão
era um acontecimento

lá na rua Armando Pinto
onde o caminhão parava
pra embarcação do povo
o prefeito auxiliava
e quando estava ciente
que não cabia mais gente
a partida autorizava

e foi num desses momentos
com o caminhão já andando
que dona Rosa surgiu
esbaforida e berrando
que ela queria embarcar
que era para ele parar
e foi se desesperando

o prefeito, atencioso
até tentou explicar
de onde o caminhão estava
não tinha como voltar
estava já tão distante
que o motorista ao volante
não tinha como escutar

e pediu que ela aguardasse
que logo ele retornava
e na próxima viagem
com certeza, ela embarcava
não demoraria tanto
não precisava, portanto
ficar tristonha, nem brava

dona Rosa, argumentou
explicando porque que tinha
se desesperado tanto
e até perdido a linha
é que naquele momento
haveria um casamento
cujo qual era madrinha

e o prefeito, solícito
tentando remediar
encontrou logo uma forma
de poder colaborar
pra que ela não se molhasse
desde que não se importasse
poderia a carregar

diante do desespero
pra não chegar atrasada
e naquele compromisso
não fosse prejudicada
pesou a situação
e com resignação
deixou-se ser carregada

então, com muita prudência
o prefeito, voluntário
com a dona no cangote
cruzando a Expedicionários
com muita cautela vinha
pra que ela, como madrinha
chegasse dentro do horário

e dona Rosa, contente
já com mais tranquilidade
resolveu puxar conversa
sobre as coisas da cidade
mas como desconhecia
o homem que a conduzia
esbanjou sinceridade

“- veja só como a cidade
está toda abandonada
por aqui basta chover
que ela já fica alagada
o senhor vê que esconjuro
o povo passando apuro
e o prefeito não faz nada”

e o prefeito, então, mais tarde
cismando em casa sozinho
compreendeu toda verdade
que chegou num desalinho
não há mal que sempre dure
ou povão que se censure
e nem rosa sem espinho

III.VII - O trem da uma e meia

Criado a partir dos depoimentos
do senhor Altino Anzelotti
e da senhora Leonice Aparecida Marques Savazoni

nos tempos lá do passado
o trem era de madeira
o vagão mais cobiçado
era o carro de primeira
de estofamento alinhado
pro corpo ir repousado
dormindo a viagem inteira

já quem ia de segunda
passava um maior apuro
o conforto era menor
o vagão mais obscuro
e quem fosse mais ligeiro
já levava um travesseiro
que o assento era bem duro

mas, também acontecia
que, se acaso alguém comprasse
um bilhete de passagem
no vagão segunda classe
não encontrando cadeira
seguia pro de primeira
e ali mesmo viajasse

já nesse tempo, a cidade
quase nada oferecia
que entretece a mocidade
nem de noite, nem de dia
e com todo esse defeito
era o trem, único jeito
pra fugir dessa agonia

Leonice com as amigas
tinham lá o seu esquema
todo sábado à tarde
iam sempre pro cinema
marcavam itinerário
combinavam o horário
e começava o dilema

na estação, depois do almoço
era a hora combinada
porém, a arrumação
era desde a madrugada
com muita audácia na veia
pois o trem da uma e meia
era o trem da granfinada

roupa jeans não embarcava
nem de jeito esmolambado
só casaco, saia e luvas
luiz xv era o calçado
maquilagem, meia fina
penteado de grã-fina
e bolsa chique de lado

homens, terno e gravata
cartola e até bengala
cigarrilha com piteira
lenço na lapela e gala
um relógio na algibeira
um par de abotoadeiras
e galanteios na fala

já na compra dos bilhetes
começava a bandalheira
pois era grande vergonha
não viajar de primeira
que quem ia de segunda
ficava com dor na bunda
que era banco de madeira

com todos já embarcados
logo a máquina bufava
cabo Altino, conferia
e a partida autorizava
o chefe soprava o apito
maquinista dava um grito
e o comboio zarpava

e como era agradável
no decorrer da viagem
olhos vagos na janela
observando a paisagem
e num determinado horário
o guarda ferroviário
vinha picando a passagem

mas logo ao chegar na Luz
num desespero agudo
mal pisava na estação
tirava o salto bicudo
pés no chão e luvas fora
deus do céu, nossa senhora
pés doendo mais que tudo

e começava em seguida
uma longa caminhada
vislumbrando com atenção
as vitrines na calçada
mesbla, mappin, isnard, ducal
e do disfarce infernal
não restava quase nada

chegando no Cine Metro
ou no Moderno, da Moóca
deixando pelos caminhos
todo o jeito de dondoca
retornava ao seu estilo
que o melhor de tudo aquilo
era o filme e a pipoca

era, enfim, uma alegria
dos tempos de meninice
prum passeio em São Paulo
dissimular granfinice
toda chique, de decote
“- toda cheia de frescote”
disse um dia dona Nice

Concluimento

Conversar com essas senhoras e esses senhores, além de nos proporcionar conhecer um pouco mais da história e das coisas da cidade e, a partir delas, poder trabalhar a criação artística; também nos possibilitou perceber que este trabalho não se deve encerrar aqui, pois há ainda muito mais o que pesquisar. E da pesquisa já realizada, há muito ainda o que desenvolver.

Fica-nos a sensação de que começamos a escavar um terreno de onde se pode tirar muita coisa preciosa. Um verdadeiro tesouro repleto de encantos, memórias e ensinamentos. E entendemos que um aprofundamento maior a este trabalho apresenta-se como necessário.

Por isso sentimos a vontade de conversar com ainda muito mais pessoas que possam compartilhar conosco suas histórias e experiências pela cidade afora. E nisso queremos nos empenhar, pois sentimos que esses encontros podem ainda nos render muito mais.

A história da cidade de Franco da Rocha, ao longo dos anos, sempre foi contada a partir da sua relação com o Complexo Juqueri. É como se antes dele, ou paralelamente a sua existência, não houvesse histórias outras, com personagens diversos que também merecessem ou devessem ser contadas. Até porque, assim deverá ser a partir de agora que o Juqueri deixa de existir fisicamente, enquanto complexo psiquiátrico.

Assim sendo, pretendemos seguir com esta pesquisa, encontrando e conversando com outras pessoas que nos queiram contar suas histórias e transformando-as em narrativas artísticas.

O que daí vai ser, o tempo dirá.

REFERÊNCIAS:

BENJAMIN, Walter. **O Narrador: Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: 3 ed. Ed. Brasiliense, 1987.

BOSI, Ecléa; **Memória e sociedade: Lembranças de velhos**. São Paulo: T. A. Queiroz Editora Ltda, 1979

GALEANO, Eduardo; **Bocas do Tempo**. São Paulo, 1 ed. L&PM Pocket, 2010.

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO. “Conheça a Escola Superior de Bombeiros”. In: Portal do Governo, 2014. Disponível em: <<https://www.saopaulo.sp.gov.br/ultimas-noticias/conheca-a-escola-superior-de-bombeiros/>>

IPHAN, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. “Literatura de Cordel agora é Patrimônio Cultural do Brasil”. In: Portal IPHAN/Notícias, 2018. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/noticias/detalhes/4819>>. Acesso em 05/03/2022.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. “18/05 - dia Nacional de Luta Antimanicomial”. Biblioteca Virtual, 2021. Disponível em: <<https://bvsmis.saude.gov.br/18-5-dia-nacional-da-luta-antimanicomial-3/>>.

MUSEU DOS FERROVIÁRIOS SP. “Estrada de Ferro Santos-Jundiaí”. In: São Paulo Railway, 2021. Disponível em: <<http://museusferroviarios.net.br/antigas-companhias/sao-paulo-railway/>>. Acesso 04/11/2021.

NÓBREGA, Ricardo; TOSTE, Verônica. Da escravidão às migrações: raça e etnicidade nas relações de trabalho no Brasil, Rio de Janeiro, 30 fls. Artigo Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro, 2010

PARADA, J.; NUNES, R. **Franco da Rocha 70 anos: Cidade Ciência e Ternura**. São Paulo : 1 ed. Sowilo, 2016.

PREFEITURA DE CAIEIRAS. “A história de Caieiras”. In: Turismo. Disponível em: <<https://www.caieiras.sp.gov.br/?id=turismo&apelido=historia>>. Acesso em 01/11/2021.

PREFEITURA DE FRANCO DA ROCHA. “História da cidade”. In: Prefeitura Municipal de Franco da Rocha. Disponível em: <<http://www.francoarocha.sp.gov.br/franco/index/acidade/1>>. Acesso em 01/11/2021.

PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE FRANCISCO MORATO. “A história da cidade de Francisco Morato”. In: Conheça a História, 2021. Disponível em: <<http://www.franciscomorato.sp.gov.br/site/index/institucional>>. Acesso em 01/11/2021.

REIS, Antonio Carlos. Religiosidade popular: peregrinação e vínculos de solidariedade na romaria Bom Jesus de Pirapora. 2012. 113 fls. Tese de dissertação de Mestrado - Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2012.

SANTIAGO, H.; MENEZES, L. “Adeus, Juquery: a nova vida dos últimos moradores do manicômio mais antigo do país”. In: Metrôpoles, São Paulo, 2021. Disponível em: <<https://www.metropoles.com/brasil/adeus-juquery-a-nova-vida-dos-ultimos-moradores-do-manicomio-mais-antigo-do-pais>> Acessado em 16/11/2021.

SECRETARIA DE ESTADO DA SAÚDE. “Complexo Hospitalar do Juquery, em Franco da Rocha”. In: Coordenadoria de Recursos Humanos, 2021. Disponível em: <<http://saude.sp.gov.br/coordenadoria-de-recursos-humanos/areas-da-crh/qualidade-de-vida-do-trabalhador-da-saude/programa-de-preparacao-para-a-aposentadoria/o-programa-nas-unidades/complexo-hospitalar-do-juquery-em-franco-da-rocha>>. Acesso em 14/12/21.

VIDALI, Agnaldo. **A História do Município de Francisco Morato**: muito além da cidade-dormitório. Francisco Morato, 1 ed. Ed. Gilberto Araújo Rosa, 2019.